



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA**

JÉSSICA GUILHERME COSTA

**O PERFIL E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS
(EJA) EM SÃO FÉLIX DE BALSAS - MA**

**SÃO LUÍS – MA
2020**

JÉSSICA GUILHERME COSTA

**O PERFIL E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS
(EJA) EM SÃO FÉLIX DE BALSAS - MA**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão em cumprimento a exigência para obtenção de conclusão de curso.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Júlia Constança Pereira Camêlo

SÃO LUÍS-MA
2020

JÉSSICA GUILHERME COSTA

**O PERFIL E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS
(EJA) EM SÃO FÉLIX DE BALSAS - MA**

Monografia apresentada ao Curso de História da
Universidade Estadual do Maranhão em
cumprimento a exigência para obtenção de
conclusão de curso.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Júlia Constança Pereira Camêlo



Prof^º. Dr^º Carlos Alberto Ximendes



Prof^º. Dr^º Isaac Giribet Bernat

Dedico este trabalho a Deus, a Afonso; meu amado pai, e à Rafaela, minha filha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Criador do Universo, porque sem Ele nada seria possível.

Gratidão aos meus pais, Afonso José Silva Costa e Raimunda Maria Guilherme Costa, pela presença e amor incondicional na minha vida, sempre. Esta monografia é a prova de que os esforços deles pela minha educação não foram em vão e valeram a pena.

Agradeço ao meu esposo, Reinaldo Bertoldo Dourado, e à minha amada filha, Rafaela Costa Dourado, por estarem comigo nessa jornada.

Sou eternamente grata à minha professora orientadora, Doutora Julia Constança Pereira Camêlo, pela sua dedicação e paciência durante o projeto. Sua presença e seu conhecimento fizeram grande diferença no resultado final deste trabalho.

Sou grata também à Universidade Estadual do Maranhão, por fazer parte da realização de um sonho.

Desde de muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos lendo, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos na prática não basta. Precisamos ir além dele. Precisamos conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso tem como tema “O Perfil e os Desafios da Educação para Jovens e Adultos (EJA) em São Félix de Balsas - MA” tendo como enfoque principal a alfabetização de jovens e adultos, ou seja, educandos que não tiveram acesso ou continuidade à escolarização na idade própria, e visa analisar os fatores determinantes que desafiam alunos e professores diariamente no ambiente escolar, a partir do levantamento do perfil dos alunos e professores da escola. A escolha do tema deste trabalho se deu pelo convívio entre jovens e adultos durante o trabalho com alunos da EJA na escola. A partir de uma abordagem histórica sobre a EJA, que teve como subsídio a literatura acerca do tema, foi analisada a trajetória da EJA desde tempos remotos até a atualidade na educação. São trazidos os dados da pesquisa empírica realizada na Escola Municipal Augusto Martins, na cidade de São Félix de Balsas – Maranhão. Esta pesquisa caracteriza-se como de campo, do tipo levantamento de dados com metodologia exploratória documental e descritiva, sendo a abordagem qualitativa e quantitativa, em que teve como sujeito 8 alunos do último segmento, 4 professores da EJA e 2 gestores da mesma modalidade. Constatou-se que esta pesquisa acadêmica se mostrou necessária, visto que traz como foco a educação de jovens e adultos, expondo problemas não somente ligados a esta modalidade de educação, mas, especialmente, se tratando de um problema de toda a educação. De modo que os desafios e empecilhos surgem a partir da educação regular, e que, em algum momento, chegou a ser a ser negada a esses indivíduos adultos, em algum momento da vida.

PALAVRAS-CHAVE: EJA, Aluno, Professor.

ABSTRACT

This course conclusion paper has as its theme "The Profile and Challenges of Education for Youth and Adults (EJA) in São Félix de Balsas - MA" focusing primarily on the literacy of young people and adults, that is, students who did not have access or continuity to schooling at their own age, and aims to analyze the determining factors that challenge students and teachers daily in the school environment, from the survey of the profile of the students and teachers of the school. The choice of the theme of this work was the interaction between young people and adults during the work with EJA students at school. From a historical approach on the EJA, which was based on the literature on the subject, the trajectory of the EJA from ancient times to the present day in education was analyzed. Data from the empirical research conducted at the Augusto Martins Municipal School, in the city of São Félix de Balsas – Maranhão, are brought. This research is characterized as field, of the type data collection with exploratory documentary and descriptive methodology, being the qualitative and quantitative approach, in which it had as subject 8 students of the last segment, 4 teachers of the EJA and 2 managers of the same modality. It was found that this academic research proved necessary, since it focuses on the education of young people and adults, exposing problems not only related to this type of education, but especially, being a problem of all education. So that challenges and obstacles arise from regular education, and that, at some point, it came to be denied to these adult individuals at some point in life.

KEYWORDS: EJA, Student, Teacher

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Dados do Seminário de (EJA) em Natal- RN e do Programa Alfabetização solidária.

QUADRO 2- Perfil dos docentes na equipe de gestão da escola pesquisada

QUADRO 3- Perfil dos docentes da escola pesquisada

QUADRO 4- Dificuldade no trabalho com a EJA

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- Gênero dos alunos

GRÁFICO 2- Faixa etária

GRÁFICO 3- Estado civil

GRÁFICO 4- Quantidade de filhos

GRÁFICO 5- Quantidade de alunos que trabalham

GRÁFICO 6- Quanto tempo sem estudar

GRÁFICO 7- O que motivou a procurar a EJA

GRÁFICO 8- Incentivo da família

GRÁFICO 9- O que você acha dos professores da EJA de sua escola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL	14
2 ESTUDOS E ANÁLISE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	30
3 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL AUGUSTO MARTINS, EM SÃO FELIX DE BALSAS – MA.....	50
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA.....	50
3.2 PERFIL DOS DOCENTES NA EJA DA ESCOLA MUNICIPAL AUGUSTO MARTINS.....	51
3.3 PERFIL DOS DISCENTES NA EJA DA ESCOLA MUNICIPAL AUGUSTO MARTINS.....	54
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICES	66

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que oportuniza a conclusão dos estudos em tempo hábil e é, ainda, uma metodologia respaldada por lei, cujo foco é atender pessoas que não têm a oportunidade de receber educação formal em idade normal.

Deste modo, o presente estudo aborda “O Perfil e os Desafios da Educação para Jovens e Adultos (EJA) em São Félix de Balsas - MA” e tem como enfoque principal, analisar a Educação para Jovens e Adultos em São Félix de Balsas - MA, destacando, principalmente, o perfil de alunos e professores da Escola Municipal Augusto Martins, no sentido de compreender as complexidades que permeiam essa modalidade de ensino. Sabe-se que é uma preocupação recorrente e não se limita meramente a um problema escolar, mas sim, um problema que envolve a vida social fora da escola.

A EJA propõe uma nova forma de repensar quanto a implementação de políticas públicas e educacionais que atendam às necessidades desse público, e propõe sugestões de inclusão social e metodologia para melhorar a realidade das escolas, visto que a clientela em questão se encontra há muito fora do ambiente escolar e pela educação pode alcançar a diferenciação de mercado na possível ascensão da sociedade.

Considerando a evolução histórica da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, podemos perceber que essa modalidade de ensino passou por mudanças importantes e indispensáveis, principalmente na legislação e nos métodos utilizados no processo de ensino. Essa mudança é cada vez mais necessária para democratizar a educação, principalmente para os adultos.

Nota-se que o fortalecimento da educação que fosse voltada para jovens e adultos, que por algum motivo não estudaram no tempo correto, se deu devido a grandes movimentos sociais em busca de uma educação de qualidade e inclusiva.

Mediante as reflexões, a escolha do tema deste trabalho se deu pela ligação direta e diariamente com os alunos da EJA, o convívio com os jovens que buscam terminar os estudos em meio a tantos desafios que enfrentam. Visto que são inúmeros os obstáculos e problemas sofridos pela educação brasileira e na educação de jovens e adultos, a problemática é maior e bem invasiva, já que o “público” é bem diversificado e as práticas pedagógicas precisam ser desenvolvidas em múltiplas formas.

Esta pesquisa de campo foi do tipo levantamento de dados, com metodologia exploratória documental e descritiva, sendo a abordagem qualitativa e quantitativa. Para conhecer o perfil do aluno da EJA foi realizada, na Escola Municipal Augusto Martins, em São Felix de Balsas, no Maranhão, a aplicação de questionários previamente elaborados para professores e alunos da instituição.

Assim, a pesquisa em tela teve como instrumento de base dados coletados em livros, artigos e documentos oficiais sobre a temática. E para discussão do tema se instaurou abordagens de teóricos como ARROYO (2007), CORTE (2016), HINGEL (1994) e SAUNER (2009), obtendo destes contribuições valiosas na fundamentação teórica.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi quantitativa e qualitativa padronizando o objetivo descritivo, onde os fatos foram analisados e devidamente organizados em quadros e gráficos no intuito de esclarecer e justificar a importância do tema.

O referido trabalho está estruturado em três capítulos, sendo que no primeiro capítulo é feito um breve histórico sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, analisando a trajetória da EJA desde tempos remotos até a atualidade na educação. No segundo capítulo são apresentados seis trabalhos já realizados que tratam sobre o tema em regiões distintas do país. As pesquisas aqui apontadas mostram o perfil dos alunos e professores da EJA, permitindo um conhecimento mais amplo sobre o tema e consequentemente comparando-os com a pesquisa aqui trabalhada.

No terceiro e último capítulo está inserida a pesquisa de campo, que consta a caracterização da escola e o perfil dos alunos e professores, possibilitando conhecer os participantes dessa modalidade de ensino, suas opiniões, anseios e angústias, e assim, a compreensão sobre a proposta aqui apresentada.

2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Analisar a trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil constituiu uma complexa tarefa de pesquisa, pois faz parte das conquistas socioeducacionais do país no enfrentamento ao analfabetismo. Portanto, problematizar os caminhos percorridos para a criação e implementação da EJA na nação brasileira, centra-se em inúmeras singularidades e particularidades das regiões brasileiras no campo educacional.

Nesse sentido, o estudo da história da EJA classifica-se como complexo e minucioso, visto que compreende a análise da disponibilidade da educação para além dos grupos elitistas e de poder, que administram e controlam as relações de sociabilidades e poderes políticos e econômicos do país. Vale destacar que a educação de jovens e adultos está diretamente relacionada à educação popular, constituindo um campo aberto de discussões e de práticas pedagógicas que necessitam de ações concretas para a transformação do quadro educacional do Brasil. Sobre essa discussão, Paulo Freire destacou que:

A Educação de Adultos, virando Educação Popular, tornou-se mais abrangente. Certos programas como alfabetização, educação de base em profissionalização ou em saúde primária são apenas uma parte do trabalho mais amplo que se sugere quando se fala em Educação Popular. Educadores e grupos populares descobriram que Educação Popular é sobretudo o processo permanente de refletir a militância; refletir, portanto, a sua capacidade de mobilizar em direção a objetivos próprios (FREIRE, 2003, p. 16 apud BARRETO, p. 44-45, 2005).

Em geral, trata-se de perceber como a educação ofertada para jovens e adultos é oriunda dos processos de exclusão e inserção de homens e mulheres nas escolas na fase adulta, ou do acesso ao conhecimento científico para populações colocadas às margens da sociedade desde o período colonial, imperial e contemporâneo¹. Porém, a educação de adultos e jovens por parte da Igreja Católica já era presente, principalmente no contexto da catequização e ensinamentos dos dogmas e rituais religiosos.

Leôncio Soares em *A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais* (1996), destaca que o período colonial brasileiro foi marcado pela educação de adultos. Com as criações das escolas de ordenação instaladas sob o comando do Padre Manuel de Nóbrega, os filhos de grandes proprietários de engenhos receberam o atendimento

¹ “Os estudos de Vanilda Paiva (‘987) e Celso Beisegel (1947) são referências para aqueles que desejam entender as fontes mais remotas, em busca da história e da tradição da EJA em nosso país” (ALMEIDA, CORSO, 2015, p. 1285).

necessário para instruções. Já no Império, o autor destaca a criação de escolas noturnas para adultos – que possuíam baixa qualidade de ensino e curta duração.

Diante desse contexto, é necessário destacar que a EJA compreende uma luta social, liderada por movimentos sociais em busca de uma educação de qualidade, inclusiva e de responsabilidade de todos os setores sociais do Brasil, deixando visível que não pode ser ignorada ou deixada de lado como problema social de segundo plano. A urgência pela educação e da acessibilidade do conhecimento abrange a sociedade como um todo, não apenas em partes. Para Sampaio e Almeida:

A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma história que se produz à margem do sistema de educação, impulsionada pela luta dos movimentos sociais, marcada pelo domínio e pela exclusão estabelecidos historicamente entre a elite e as classes populares neste país (SAMPAIO; ALMEIDA, 2009, p. 13).

Para melhor compreendemos a educação de jovens e adultos no Brasil, devemos recorrer à historiografia, pois ela nos oferece as contextualizações necessárias para um melhor entendimento de sua gênese e os caminhos trilhados até então, e sua efetivação no âmbito educacional. É válido salientar que a trajetória da EJA é marcada por intermitências, ausência de políticas públicas e falhas na promoção da escolarização da população brasileira, esses fatores dão margem a muitas discussões e reflexões entre estudiosos da temática.

Observa-se que a educação de jovens e adultos tem sua gênese no período colonial, precisamente em 1549, neste período os jesuítas eram os agentes formuladores da política educacional, para além da perpetuação da fé católica, ensinavam letras e trabalhos manuais aos índios. Ao discorrer sobre a temática, Paiva ressalta que:

A educação dos adultos indígenas tornou-se irrelevante, pois o domínio das técnicas de leitura e escrita não era mais necessário para membros da sociedade colonial, já que sua função se baseava meramente na exportação de matéria prima não havendo preocupação em expandir a educação para todos (PAIVA, 2003, p. 23).

Foi somente com a chegada da Família Real portuguesa no Brasil que o cenário educacional sofreu importantes transformações na sociedade luso-brasileira². No momento da chegada da Família Real portuguesa no Brasil, em 22 de janeiro de 1808, o continente europeu estava engendrado em uma profunda crise geopolítica. Desse lado do Atlântico, na

² O historiador, Marcelo Cheche Galves, acentua que a presença da Corte real no Rio de Janeiro compreendeu uma troca de experiências metropolitana e colonial, assim, “a cidade do Rio de Janeiro vivenciou a dinamização de medidas destinadas à produção de saberes científicos na sede da ‘nova metrópole’, o que incluía sua articulação às demais regiões da América portuguesa” (GALVES, 2015, p. 71).

cidade do Rio de Janeiro, mudanças significativas seriam adotadas para receber e abrigar um conjunto de novos habitantes.

O centro da cidade, que contava com menos de cinquenta ruas, tinha um ar rústico. Cabras, porcos e galinhas perambulavam livremente; crianças nuas brincavam nas trilhas de terra batida que desembocavam na selva. Também para a família real, os primeiros tempos seriam difíceis. Ela foi instalada no palácio do vice-rei, convertido às pressas e localizado na praça principal da cidade. Nos poucos meses disponíveis para os preparativos, o prédio, de dimensões um tanto reduzidas, fora ampliado mediante a anexação de um convento carmelita e uma prisão vizinhos, para isso se improvisando passarelas cobertas (WILCKEN, 2005, p. 113).

Além da dimensão física, a Corte importou novos conhecimentos em obras e livros que foram restritos aos grupos dominantes. Na segunda metade do século XVIII, os letrados do reino realizavam as redes de comunicações com uso de livros. Assim:

Leituras sediciosas, proibidas, manuais religiosos, livros que ampliavam conhecimentos relacionados a alguns ofícios profissionais (medicina, direito, navegação etc.), constituíram as bibliotecas dos clérigos, médicos, professores, advogados. Livros circulavam também na bagagem dos viajantes e navegantes entre os portos da metrópole e do vice-reino (BARBOSA, 2013, p. 27).

Nesse sentido, com a transferência da Corte tornou-se necessária a organização do sistema de ensino para atender as necessidades da nova sociedade que se formava nos trópicos. Sobre estas transformações:

Desde 1809, a educação foi um tema de destaque na sociedade joanina: na seção de Avisos da Gazeta, muitas pessoas ofereciam seus préstimos educacionais [...] A prática da escrita e leitura também fez parte dos interesses da população. Escrever com maior agilidade por meio do aprendizado da “Stenographia Portuguesa (sic), ou arte de escrever com a rapidez da palavra”, foi um serviço que certamente despertou interesse de muita gente (MEIRELLES, 2015, p. 20-21).

Logo, o modelo de educação jesuítica permaneceu no Brasil só até 1757, ano em que o Marquês de Pombal expulsou os inacianos de todo o território português, criando assim, um ensino laico sem influência da Igreja.

Neste momento, estavam fortemente influenciados por ideias iluministas, que pregavam a utilização da razão como forma de alcançar o progresso, não havia mais espaços para o pensamento difundido pela Igreja, que é o Teocentrismo, onde Deus explicava e decidia a vida dos homens.

Desse modo, a partir de então, a educação seria voltada para o desenvolvimento do Estado. Movido por esse ideário e pensando na possibilidade de progresso, o Marquês instituiu

uma série de medidas que acabaram por mudar os rumos da história de Portugal e principalmente do Brasil³.

No entanto, é válido dizer que a Reforma Pombalina não trouxe muitas novidades ao processo educacional, pois, apesar da expulsão, a influência jesuítica era muito forte, visto que as pessoas que assumiram as rédeas da educação se formaram em colégios jesuítas, assim, a educação continuou sendo elitista, ou seja, “as aulas régias (latim, grego, filosofia e retórica), ênfase da política pombalina, eram designadas especificamente aos filhos dos colonizadores portugueses (brancos e masculinos), excluindo-se assim as populações negras e indígenas” (STRELOW, 2010, p. 51).

Por oportuno, foi somente com a chegada do período imperial que a educação de jovens e adultos é retomada, com a abertura das escolas noturnas em 1854, com o intuito de alfabetizar os trabalhadores. A proposta educacional de Paulino de Souza (proprietário rural, advogado, ministro e político brasileiro) acabou por entrar em declínio, pois realizavam avaliações muito difíceis e não consideravam as especificidades do ensino, a ascensão do indivíduo para assumir um cargo público.

Ainda no período imperial do Brasil, a Constituição de 1824 trazia entre seus artigos a garantia à educação, ou melhor, a instrução primária e gratuita a todos os cidadãos. Para Strelow: “(...) essa lei, infelizmente ficou só no papel. Havia uma grande discussão em todo o Império de como inserir as chamadas camadas inferiores (homens e mulheres pobres livres, negros e negras escravos, livres e libertos) nos processos de formação formais” (STRELOW, 2010, p. 51).

Demais disso, o debate sobre a oferta de ensino e instrução é problemática desde a Constituição, pois ela determina que somente os cidadãos gozariam do conhecimento ofertado. Nessa perspectiva, é importante destacar que a construção do sentido de cidadania no Império brasileiro constituiu um amplo processo pautado no jogo político e econômico, comandado por grandes proprietários de terras, empreendedores e políticos que formavam os grupos de poder da recente nação.

Com a transição do Império para a República (1887-1897), a educação popular, antes não priorizada e relegada ao ostracismo, passou a ser considerada uma redenção aos problemas do país, iniciou-se o reforço às instituições públicas para a formação das elites agrárias. Em 1891, o ensino básico ficou sob a responsabilidade dos municípios e das

³ Ver: HOONAERT, Eduardo. Primeiro período: a evangelização do Brasil durante a primeira época colonial. In: HOONAERT, E. [et al.] (org.). **História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: primeira época, Período colonial** 5^o ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

províncias brasileiras, atuando no contínuo atendimento educacional aos que possuíam recursos para uma educação de qualidade. Assim,

Mais uma vez garantiu-se a formação das elites em detrimento de uma educação para as amplas camadas sociais marginalizadas, quando novamente as decisões relativas à oferta de ensino elementar ficaram dependentes da fragilidade financeira das Províncias e dos interesses das oligarquias regionais que as controlavam politicamente (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 109).

Sob tais argumentos, assevera ainda Sauner, “a educação popular permaneceu estagnada, sem privilegiar os segmentos oprimidos (os índios, os negros, as mulheres), favorecendo desta forma o crescimento do analfabetismo” (SAUNER, 2004, p. 52).

Todavia, o analfabetismo no país precisava ser combatido, diante disso, foi criada a liga contra o analfabetismo, em 1910, a partir de então o voto dessa camada popular tornou-se necessário. Para isso, o ensino passou a ter um caráter qualitativo e as melhorias começaram a emergir. As escolas obtiveram melhorias em aspectos didáticos e pedagógicos.

Sendo assim, iniciou-se profundos debates políticos na sociedade brasileira, que se intensificaram nas décadas 1920 a 1930. E com isso, mais precisamente em 1930, o Brasil consolida o sistema público de ensino, que teve início com a criação do Ministério da Educação e Saúde⁴, logo após a chegada de Getúlio Vargas ao poder, antes desse fato, a educação era assunto secundário. Desse modo, a partir de 1934, com a Constituição Federativa do Brasil, a abordagem e discussão da educação no país ganha maior atenção e ampliação, como destacado no artigo 149 em que:

A educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no país, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana (CONSTITUIÇÃO FEDERATIVA, 1934).

Diante do que determina o artigo citado, muitas abordagens são possíveis sobre a prática da educação mencionada em cada região brasileira. Partindo da realidade econômica e política de cada regionalidade, é certo pensar que a educação de qualidade não chega ou alcança a totalidade da população, restringindo-se, em alguns casos, às cidades com maior fluxo de capital financeiro.

⁴ BRASIL. Decreto 19. 402 de 14 de novembro de 1930: cria uma secretaria de Estado com a denominação de Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Disponível em: <[http:// portal.mec.gov.br/arquivos/pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf)>. Acesso em: 08 out. 2020.

Além disso, há regiões que possuem no seu interior outras localidades distantes do acesso às transformações urbanas para melhor atender o público discente. Assim, com a criação do Plano Nacional de Educação (PNE), a educação para adultos ganha uma proporção ainda maior, sendo assegurado pelo plano o ensino gratuito, integral e de frequência obrigatória extensivo aos adultos.

Deve-se salientar que o contexto social brasileiro apresentava compostos basicamente agricultores, não alfabetizados e impossibilitados para trabalhar na nascente indústria brasileira. Vargas sentia a necessidade de industrializar o Brasil com urgência, o que passa um déficit de quase 300 anos. Para Antônio Renan Silva, seu propósito era claro “criar autômatos para serem explorados pela nascente indústria brasileira” (SILVA, 2017, p. 293).

É preciso considerar que a primeira iniciativa que visava o atendimento de jovens e adultos no Brasil ocorreu em 1947, com o lançamento da Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), iniciativa esta do Ministério da Educação e Saúde, coordenada por Lourenço Filho. A campanha tinha como objetivo levar o domínio da cultura aos brasileiros não versados na escrita que viviam nas cidades e zona rural, esse processo educacional auxiliaria no desenvolvimento social e econômico.

No entanto, a campanha não teve desfecho satisfatório, isso fez com que o Ministério da Educação elaborasse um segundo Congresso Nacional de Educação de Jovens e Adultos, em 1958. Diante da problemática em debate, Almeida considera que:

Segundo Congresso Nacional, a delegação mineira apontou como críticas à campanha desenvolvida no Estado as precárias condições de funcionamento, a baixa frequência e aproveitamento dos alunos, a má remuneração dos professores e sua consequente desqualificação, e a inadequação de programas e do material didático à sua população (ALMEIDA; CORSO, 2015, p. 1288).

Considerando tais colocações, todas essas justificativas apontavam a insatisfação popular à campanha educacional proposta pelo Ministério da Educação, percebia-se em meio as críticas de diversas delegações, a fragilidade existente no arcabouço estrutural da proposta. As escolas não ofereciam estrutura para os indivíduos e os profissionais da educação eram desvalorizados.

Foi também nos anos de 1940 que houve a regulamentação do Fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP), criado pelo professor, jurista, intelectual, educador e escritor brasileiro Anísio Teixeira. O fundo tinha como objetivo a garantia de recursos para a o ensino primário, e, recorrentemente, o professor denunciava a falta de educação pública de

qualidade, a presença de um sistema político autoritário e excludente, dizia que o ensino primário deveria ser a prioridade do governo na gestão da educação.

Com o fim do Estado Novo, em 1945, ocorreu grande efervescência política, era preciso redemocratizar o país. Portanto, tornou-se urgente a necessidade de aumentar as bases eleitorais, por isso a educação de adultos virou prioridade governamental. No início da década de 1950 ocorreram inúmeras iniciativas pedagógicas e políticas públicas que visavam a promoção da educação, como dito anteriormente, era necessário formar mão de obra qualificada que atendessem ao crescimento industrial do país.

Neste ínterim, surgiram várias teorias para justificar a adoção de uma educação de qualidade no país atrelada à política e ampliação das bases. Como ressalta Paiva, “desde o final da década de 1950 até meados dos anos de 1960, o país viveu verdadeiramente uma efervescência no campo da educação de adultos e da alfabetização” (PAIVA, 2003, p. 15).

Durante governo de Juscelino Kubistchek (1956-1961), refletiu-se as prioridades no desenvolvimento econômico-industrial do país, acompanhado por um discurso nacionalista extremamente convincente, ele demonstrava preocupação com a conscientização do povo no tocante a sua realidade, introduzindo, assim, de modo particular, os pobres no novo modelo de desenvolvimento para o país. Para tanto, foi criada a Campanha Nacional do Analfabetismo (CEAA), com o objetivo de diminuir o índice de analfabetos pelo Brasil.

Levando em consideração os aspectos históricos da EJA no Brasil, ficam evidenciadas as diferentes discussões e definições que permeiam a temática a cada período de tempo. Podemos entender que as ideologias e políticas voltadas para educação no país acabaram, de certa forma, sendo relegadas a segundo plano ao longo da nossa história, acarretando sérias problemáticas dentro do processo educacional pedagógico para aqueles que buscam a escola. Nesse contexto, Miguel Arroyo (2007) enfatiza que a EJA necessita ser uma modalidade de educação de sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, e com configurações concretas.

Nota-se que ao longo da história do país sempre se priorizou um ensino, eminentemente, elitista, pouco preocupado com as camadas sociais. Vários são os desafios em relação ao acesso, a permanência, e a qualidade dessa educação que, segundo as perspectivas da UNESCO:

A educação de adultos torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça e igualdade dos sexos, do desenvolvimento socioeconômico e científico além de um requisito fundamental

para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e a cultura de paz baseada na justiça (UNESCO, 2014, p. 1).

Cabe salientar que a Campanha Nacional da Educação para Adultos, lançada em 1947, teve o início de seu declínio na década de 50, o sucesso dessa campanha diminui e se extingue ainda na mesma década. Muitas críticas surgiram em relação a essa Campanha de Educação para Jovens e Adultos (EJA), dirigindo-se às suas deficiências administrativas, financeira e orientação pedagógica. Os olhares sob essa modalidade de ensino voltam-se para o analfabetismo, que tinha um curto prazo, um caráter superficial e inadequado como solução desse problema.

Frente a isso, novos paradigmas pedagógicos eram visados para a classe adulta da população brasileira, tendo como principal referência intelectual o educador pernambucano, Paulo Freire. Em face disso, na década de 60, muitos grupos intelectuais surgiram lançando programas engajados numa ação política junto a grupos populares. Dentre as novas diretrizes, atuaram os educadores do MEB (Movimento de Educação de Base), CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), CPCs (Centros de Cultura Popular), que reuniram artistas e intelectuais.

Em 1964, o Ministério da Educação organizou o último dos programas de corte nacional de alfabetização de adultos, cujo planejamento incorporou largamente as orientações de Paulo Freire. O educador propunha uma alfabetização de jovens e adultos conscientizadora, cujo princípio básico se traduzia numa frase: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2017, p. 87). Paulo Freire pensava numa educação, que além de alfabetizar, preparava o alunato para maiores dimensões. Essas experiências acabaram naquele mesmo ano diante das repressões militares (ditadura). Com a perseguição deflagrada, houve grande peso sobre estudantes e professores, mas a instabilidade da educação no Brasil não impediu que o educador Paulo Freire continuasse a desenvolver no exterior suas propostas de alfabetização de adultos conscientizadora.

Com o golpe militar, em 1964, os programas de alfabetização estagnam-se, por serem vistos como uma grande ameaça à ordem e seus promotores duramente reprimidos. Assim, só quem teve acesso aos programas de alfabetização no período da ditadura foram os adultos assistencialistas e conservadores. Nesse seguimento, no dia 15 de dezembro de 1967 foi lançado o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Durante a década de 70, o Mobreal expandiu-se por todo território nacional, diversificando sua atuação. Dos programas de maior relevância, derivados do programa de alfabetização, foi o PEI (Programa de Educação Integrada). Este programa tinha como propósito possibilitar a continuidade dos

estudos do antigo curso primário, para os recém-alfabetizados e analfabetos funcionais. No entanto, foi extinto em 25 de novembro de 1985, pelo presidente da República José Sarney, transformando-se num dos maiores fracassos da educação brasileira.

Por oportuno, os grupos de alfabetização popular continuaram a atuar, em menor proporção, com uma alfabetização mais crítica, moldada na pedagogia de Paulo Freire. Nesse momento, Freire mantinha-se no Chile desenvolvendo seu trabalho no estrangeiro. No mesmo instante, com a abertura política na década de 80, abria-se espaço para uma reorganização da educação, novas experiências, reflexão e articulação começam a surgir. Os trabalhos de alfabetização avançam e um novo momento surgiu com a redemocratização na década de 80.

Dessa forma, com a redemocratização no país, nos anos de 1980, e a promulgação da Constituição Federal, em 1988, a educação é garantida a todos como um direito público subjetivo. Sobre isso, Paiva afirma:

A perspectiva do direito como caminho para efetivação de democracia educacional inaugura, não apenas para as crianças, mas principalmente para jovens e adultos, uma nova história na educação brasileira (PAIVA, 2009, p.133)

Nessa acepção, com o fim do MOBREAL, em 1985, surge o programa de alfabetização “*Fundação Educar*”, abrindo mão de executar os programas para apoiar financeira e tecnicamente as iniciativas de governos, civis e empresas conveniadas. Nesse novo processo de aprendizagem, a educação voltava-se há algumas práticas dos anos 60, em que preconizava a alfabetização conscientizadora, com uma escala mais larga de tempo e de continuidade pós-alfabetização. Ainda nos anos 80, é difundido entre os educadores brasileiros estudos e pesquisas sobre o aprendizado da língua escrita com base nas linguísticas e na psicologia, lançando novas práticas sobre a alfabetização de adultos. Reforçam-se os argumentos críticos às cartilhas de alfabetização que contém palavras e frases isoladas, fora de contexto que auxiliem sua compreensão.

Diante das “novas” propostas pedagógicas para a alfabetização, é ponderado sobre não haver um meio ou uma forma artificial para ensinar a ler e escrever. Nessa lógica, a educação começa a ser transpassada de forma mais flexível, onde as pessoas podem aprender de forma gradual e mais lenta, igual as crianças. Esses estudantes poderiam chegar na escola com ideias prévias, pensamentos que antes eram desprezados pela educação. Em relação a leitura, do mesmo modo como a escrita, novos métodos são utilizados com a amplificação de

conteúdos e materiais didáticos, entre livros, enciclopédias, receitas, jornais etc. Nesse novo método, a alfabetização foi trabalhada dentro das políticas educacionais.

Já na década de 90, a história da educação de jovens e adultos não é vista positivamente, mesmo diante dos “avanços” anteriormente alcançados. Reformulações pedagógicas precisam ser pensadas diante do aumento do público de pessoas que procuravam a EJA para estudar. O que na maioria eram pessoas com um histórico de fracasso na escola, pessoas que foram, de alguma forma, excluídas do ensino regular. Os anos 90 foram nomeados como os anos da Comissão Nacional para o Ano Internacional da Alfabetização (CNAIA), que logo foi desarticulado diante do término da Fundação Educar, pelo então governo, Collor de Melo, em 1990.

Assim, a EJA passa por um processo de regressão nesse momento. Atuações de orientação de órgãos financistas internacionais para a educação brasileira redigiam que era preciso: priorizar a educação de ensino fundamental para crianças; transferir para a esfera privada as organizações sobre a EJA, utilizando-se do discurso de parceria; e ainda, vincular a Educação de Jovens e Adultos às exigências do mercado de trabalho. Nesse ponto, no ano “Internacional da Alfabetização” (1990), são realizados diversos encontros, debates, congressos e seminários por parte de órgãos governamentais e não-governamentais, no intuito de apresentar propostas para o crescimento do processo de alfabetização no país.

Nesse diapasão, foi lançado o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), que pretendia reduzir em aproximadamente 70% do analfabetismo no Brasil em apenas 5 (cinco) anos. Contudo, o Programa não atingiu as proporções que se pretendia. Deste modo, o governo cria nova comissão do Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania. Passados dois meses do lançamento do PNAC, houve uma desvinculação do Programa com a comissão criada por ele, já que muitos órgãos, como empresas, por exemplo, não estavam preocupados com a alfabetização. Com isso, devido ao enfraquecimento e a falta de comprometimento com o programa ocorreram vários movimentos populares e sindicais, até mesmo ameaça de renúncia por parte de líderes que buscavam a evolução da alfabetização para adultos (MACHADO, 2000).

Nessa perspectiva, com o “Impeachment” do Presidente Collor de Melo, Itamar Franco assume a presidência do país e busca recompor a imagem do Brasil diante do cenário internacional. Nesse instante, sobre a Educação de Jovens e Adultos, há uma intensa discussão, onde buscam a implementação de um programa não somente sistemático de alfabetização, mas de garantia do ensino fundamental para a classe de jovens e adultos. Nesse ínterim, surge uma nova composição na Comissão Nacional com professores em torno do

Plano Nacional Para Todos entre 1993/2003, e ao mesmo tempo, a Lei de Diretrizes e Bases vinha sendo idealizada, a LDB.

É interessante ressaltar que em 1994 surge o documento: Diretrizes para uma Política Nacional de Educação de Jovens e Adultos. O Ministro da Educação, Murilo de Avelar Hingel, faz dois pronunciamentos, um em 1993 e outro em 1994 com o nascimento da LDB, em que sua fala é contraditória no que se refere ao interesse do governo frente a Educação de Jovens e Adultos. No primeiro discurso Hingel afirma:

No Plano Decenal de Educação Para Todos, a prioridade não poderia deixar de ser a criança. É a criança o objetivo maior das preocupações do Plano, uma vez que o atendimento integral às necessidades da criança há de ser a garantia da formação plena, de formas que problemas que ainda afligem a sociedade brasileira, como o problema do analfabetismo, sejam estancados na sua origem, na sua própria razão de ser (HINGEL, 1994, p. 11-12)

Por outro lado, em um trecho introdutório da LDB, o ministro diz:

O documento de diretrizes da Política de Jovens e Adultos, que o Ministério da Educação e do desporto tem a grata satisfação de editar e divulgar, organizado com a participação da comissão Nacional de Jovens e Adultos, deverá ser entendido como a manifestação da vontade política do Governo de cumprir o que determina o artigo 208, caput, inciso I, parágrafo 1º e 2º, isto é, o dever do Estado com a Educação ser [a efetivado mediante a garantia de: I-Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; 1º-O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo; 2º-O não oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade de autoridade competente (HINGEL, 1994, p. 07)

De acordo com as citações acima, é possível perceber as divergências, que o então ministro da Educação, utilizou-se para implementar a Educação no Brasil. A sociedade civil que atua em EJA buscou para a educação brasileira um olhar voltado não somente para a EJA, como também para as crianças, difundindo-se, assim, a clamar pela atenção do governo para os dois vieses.

Contudo, no governo de Fernando Henrique Cardozo (1995) a educação de Jovens e Adultos continuou em desvantagem, já que tudo conquistado e buscado com a implementação da LDB até ali foram desconsiderados com o nascimento da Lei Darcy Ribeiro (Lei N° 9394/96) e com a implantação do Programa Alfabetização Solidária, em setembro de 1996. Os problemas para a EJA foram alarmantes, pois com a referida Lei, as propostas pedagógicas pela LDB ficaram bem reduzidas. E ainda, o tempo e a qualidade de ensino para a modalidade foram rotulados. A exemplo disso, a EJA ficou basicamente reduzida em cursos supletivos. Soma-se ainda a isso, o fato de que a idade mínima para fazer

EJA foi reduzida para quinze anos, fortalecendo, de tal modo, o desinteresse dos jovens pelo ensino regular de educação.

Desta forma, no que tange ao Programa Alfabetização Solidária, seu principal objetivo seria levar alfabetização para os lugares mais carentes e remotos da região Norte e Nordeste do país. Sobre os responsáveis pela organização e execução do projeto, Margarida Maria Machado em *(A Trajetória da EJA na Década de 90 – Políticas Públicas Sendo Substituídas por “Solidariedade”)* aponta que:

O programa se inicia com a realização da seleção e capacitação de alfabetizadores em um mês, passando então para um processo de alfabetização que deverá se dar em cinco meses. À universidade cabe lecionar, capacitar e avaliar o trabalho dos alfabetizadores, tendo para isto um encontro mensal no município de sua responsabilidade. A empresa parceira é responsável pelo pagamento das bolsas dos alfabetizadores, coordenadores e alimentação dos alunos. O MEC se responsabiliza pelo fornecimento e reprodução do material didático e de apoio, seleção do coordenador do município. Os municípios viabilizam espaço físico e mobilizam os alunos. O Comunidade Solidária coordena e articula as ações do programa. (MACHADO, 2000, p. 06)

Machado também apresenta em seu artigo as características do documento final do Seminário Nacional de Educação de Jovens e Adultos e as propostas pelo Programa Alfabetização Solidária, constatando o grande contraste entre ambas propostas⁵.

QUADRO 1: Seminário de EJA/ Programa Alfabetização Solidária

Doc. Final do Seminário de EJA - Natal-RN, 08-10/09/1996	PROGRAMA ALFABETIZAÇÃO SOLIDÁRIA
- Estruturar programas alternativos de educação continuada que incluam: alfabetização, escolarização básica, complementação e profissionalização;	- Programa de analfabetismo;
- Garantir ensino fundamental público e gratuito à população jovem e adulta é direito público subjetivo consagrado na Constituição Federal e leis complementares;	- Faixa prioritária de atendimento: 15 a 19 anos;
- Valorização dos profissionais da EJA, propiciando-lhes condições de trabalho e	- Os alfabetizadores, prioritariamente com 2º grau magistério ou cursando 8º série,

⁵ Os estudos de Machado (2000) é referência para aqueles que desejam entender as “contradições” na dinâmica da década de 90, na educação de Jovens e Adultos no Brasil.

remuneração condignas, segundo preceitos legais;	receberão bolsas;
- A qualidade de EJA deve ser observada mediante a valorização profissional e a formação continuada dos educadores, compreendida como um processo permanente de reflexão sobre a prática;	- Capacitação dos alfabetizadores: um mês de curso, no campus da universidade parceira;
- Constituir fóruns permanentes de EJA que visem garantir unidade, qualidade e continuidade às políticas em EJA;	- Período de duração de alfabetização: cinco meses com aulas três vezes por semana;
- Adotar mecanismos de acompanhamento e avaliação periódica das políticas e programas de EJA, empreendidos por todos os segmentos com vistas ao desenvolvimento das ações propostas e a efetiva socialização de seus resultados, zelando para que tais mecanismos não impliquem a padronização dos programas, sua extinção ou redução do atendimento;	- Avaliação do processo é realizada pelo professor da universidade; uma vez por mês, no final do semestre. Sendo proposta uma avaliação intermediária e uma final, seis meses e um ano após o término, para verificar se o aluno voltou à escola ou entrou no mercado de trabalho;
- Elaborar propostas pedagógicas para a EJA que contribuam para o exercício da cidadania e considerem a realidade sociopolítica e econômica, as condições de vida dos educando e suas características culturais;	- Material didático básico entregue a cada aluno: sete livros elaborados pela Secretaria Municipal de Curitiba;
- Resguardada a responsabilidade pública na manutenção e desenvolvimento da EJA, o financiamento por organismos governamentais de programas desenvolvidos em parceria com organizações da sociedade civil constitui procedimento legítimo, desde que baseado em critérios democráticos e publicamente definidos pela comissão Nacional de Educação de Jovens e Adultos;	- A terceira vertente do programa é o incentivo a parcerias entre Governo Federal, Conselho da Comunidade Solidária, Empresas, Universidades e Prefeituras;

Fonte: Artigo: A Trajetória da EJA na década de 90- Políticas públicas sendo substituídas por “solidariedade”

Diante das divergências entre a concepção em EJA, Expostas no Seminário Nacional, que buscava efetivar e construir uma educação continuada e de qualidade para jovens e adultos, trazendo propostas pedagógicas específicas para a “classe”, valorização do trabalho de professores, assim como sua qualificação. Por outro lado, o Programa Alfabetização Solidária desmonta todo o processo no que diz respeito a EJA, com uma “alfabetização” descomprometida, principalmente com os estudantes e professores, enaltecendo sim, os patrocinadores.

Desta feita, a década de 90 foi um momento de grande falácia, onde o desmonte sobre a alfabetização permaneceu contundente. A EJA, nesse momento, passa por muitas configurações e com a chegada do novo milênio os discursos neoliberais em torno da educação de jovens e adultos permanecem entre a sociedade civil e o governo. Os discursos neoliberais se deram devido aos avanços na tecnologia, com isso, exigindo mais a qualificação da sociedade. Nesse ínterim, duas propostas são expressas, nessa oportunidade, a primeira se refere a descentralização das responsabilidades, promovendo, assim, a participação de vários setores da sociedade. A segunda se refere a uma proposta de educação a distância.

A partir do novo milênio, precisamente com o governo Lula, novas políticas públicas são implantadas visando construir um novo horizonte para a educação de jovens e adultos. Esta modalidade de ensino, no governo Lula, foi tratada como uma temática na qual as ações governamentais são identificadas como políticas de diversidade. Sendo que em 2004 é criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) unindo os departamentos de Educação de Jovens e Adultos e o de Educação para a Diversidade e Cidadania.

Nesta hipótese, Moehlecke, faz um estudo sobre as políticas de diversidade e na educação no Governo Lula, evidenciando o seguinte:

A concentração de programas com questões, públicas, demandas e histórias tão distintas é definida como base na aposta de que seria possível, por meio dessa nova configuração, fortalecer o trabalho desenvolvido em cada área específica e transversalizar a perspectiva da diversidade para as demais secretarias e ministérios (MOEHLECKE, 2009, p. 468)

Quanto a fortalecer o trabalho que envolvesse outros ministérios, além da educação, Moehlecke (2009) destaca ainda que as políticas do MEC, adotadas após criação da SECAD, estiveram associadas a sua proximidade à sociedade civil organizada, através da

constituição de comissão de assessoramento ou de parcerias na execução de programas e projetos.

A respeito disso, Jeffrey, Leite e Dombosco, (2010), apresentam alguns aspectos problemáticos com relação a atuação da SECAD:

- a) A dificuldade do MEC para alcançar o objetivo de transversalizar a perspectiva da diversidade para o conjunto das secretarias do ministério e promover o desenvolvimento de programas e projetos articulados;
- b) Valorização de políticas direcionadas aos grupos sociais mais vulneráveis e discriminados, como garantia para a efetivação do direito de todos à educação;
- c) A variedade de significados atribuídos ao termo diversidade, que expressou as disputas internas e externas ao governo pela definição de projetos educacionais, de modos distintos, com o intuito de responder as demandas dos movimentos sociais no reconhecimento de suas múltiplas diversidades.
- d) Dependência das pessoas que estão a frente da gestão dos programas, devido a baixa institucionalidade destes, que não conferiu um aparato normativo de suporte para garantir a permanência das propostas a médio e longo prazo.

De acordo com as autoras, os aspectos evidenciados por Moeleck (2009) contribui para o entendimento das principais características da gestão educacional durante o Governo Lula. De modo que é feito um breve balanço sobre as políticas públicas que foram implantadas nos anos 2000, e suas principais contribuições para a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

Nesse sentido, o primeiro foi o *Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Humano*, tendo origem entre os anos de 1999 e 2000. Este projeto visava uma assistência social com promoção de atividades continuadas a jovens de 15 a 17 anos, com situação de vulnerabilidade, risco social, sob medida protetiva ou socioeducativa. Já o segundo se trata do *Programa Brasil Alfabetizado*, fundado em 2003, destaque da política do Governo Lula, lançando o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), programa voltado à alfabetização de jovens, adultos e idosos, que propunha ser uma via de acesso à cidadania e elevação da escolaridade (JEFREY, LEITE, DOMBOSCO, 2010, p. 8)

Sobre o terceiro programa corresponde ao *Programa Escola de Fábrica*, nascendo em 2004, que objetivava a formação profissional de jovens de 15 a 21 anos, nas próprias empresas. Este projeto visava preparar os jovens de acordo com as necessidades de cada empresa, objetivando a formação de profissionais. Teriam alimentação, bolsa, entre outros

benefícios que uma empresa garanta a estagiários, além de projetos pedagógicos. Decorre que o quarto se destaca como *Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem*, fundado em 2005, o programa foi destinado aos jovens de 15 a 29 anos com o objetivo de promover sua reintegração ao processo educacional, sua qualificação profissional e seu desenvolvimento humano, sendo articulado nas modalidades: ProJovem Adolescente – Serviço Socioeducativo, ProJovem Urbano, ProJovem Campo – Saberes da Terra e ProJovem Trabalhador (JEFREY, LEITE, DOMBOSCO, 2010, p. 9, 10).

No que tange ao quinto, o *Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – Proeja*. Instituído em 2006, tinha como diretriz a oferta de cursos e programas de educação profissional, com a finalidade de ofertar a formação inicial e continuada de trabalhadores e a educação profissional técnica de nível médio, levando em consideração as especificidades dos jovens e adultos. Não obstante, o sexto e último diz respeito ao *Programa Nacional de Segurança Pública – Pronasci*, destinados aos jovens de 15 a 24 anos que se encontram à beira da criminalidade, no sentido de incentivar as áreas de prevenção, controle e repressão qualificada à criminalidade. É de ordem da União, estados, municípios e comunidades por meio da celebração de convênios (JEFREY, LEITE, DOMBOSCO, 2010, p. 11, 12, 13)

Sem embargo, os programas acima citados foram os que perduraram nos anos 2000, no governo do presidente Lula. Observamos que tal atuação consistiu em buscar direitos anteriormente conquistados na Constituição de 1988, uma educação de qualidade e continuada para jovens e adultos que não conseguiram terminar os estudos na idade correta. Mesmo diante de alguns contrapontos na gestão do PT (*Partido dos Trabalhadores*), esse momento foi de extrema importância para o desenvolvimento da EJA.

2 ESTUDOS E ANÁLISE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O foco desta sessão é fazer compreender que a Educação para Jovens e Adultos é um caminho fundamental para o crescimento educacional da sociedade. Assim sendo, neste primeiro momento, será feito um breve resumo de seis estudos que apontam os desdobramentos desse modelo de ensino em algumas regiões do Brasil.

Nessa assertiva, a dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Gestão e Práticas Educacionais da UNINOVE e tem como tema: *A mudança do Perfil do Público EJA: Desafios e Perspectivas*, de autoria de Luciane Cristina Corte. A autora discute sobre a Educação de Jovens e Adultos no Ensino Fundamental II do Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA), no Município de São Paulo.

Luciane Cristina Corte faz um longo levantamento sobre o ensino da EJA dividindo sua pesquisa em três momentos. Primeiramente, a autora aborda a trajetória da educação nessa “modalidade” em 27 anos, durante 07 governos. Iniciando pela gestão de Luíza Erundina (1989 a 1992) até a gestão de Fernando Hadad (2013 a 2016).

De acordo com a pesquisa, as políticas públicas foram essenciais nesse período de tempo, pois mobilizou uma grande parte da sociedade à procura pelo ensino para jovens e adultos. Dentre as gestões, os programas foram: MOVA (Movimento de Alfabetização), CIEJA (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos), FRENTE DO FUNCIONALISMO, EDA (Educação de Adultos), EMPSG (Escola Municipal de Primeiro e Segundo Grau), PROALFA (Programa municipal de alfabetização de Jovens e Adultos), CEMES (Centro Municipal de Ensino Supletivo), CMCT (Centro Municipal de Capacitação e Treinamento), e ainda, TELECURSO, EMEF. Programas estes, com resultados altamente positivos e outros nem tanto, como o PROALFA, que de acordo com Corte, esse programa não atendeu tantos estudantes como o MOVA, que mobilizava a comunidade, enquanto o PROALFA voltou-se mais num programa “elitista”, não atingindo com grande proporção, pessoas de baixa renda, das comunidades carentes.

Outro programa de grande relevância foi o CIEJA (Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos), na Gestão de Marta Suplicy. O CIEJA, inicialmente foi uma criação experimental, acabou dando certo e se consolidando em 2002, com o objetivo de promover uma ação educativa que considerou as características dos jovens e adultos, contemplando novas formas de ensinar e aprender. Conforme a implantação concreta do CIEJA, o número de alunos matriculados que conseguiram concluir os estudos entre os anos de 2004 e 2005 foi acima do que os que reprovaram ou evadiram-se dos estudos.

A partir das mudanças nas administrações municipais, os programas foram sofrendo diferenciações. Na gestão de Gilberto Kassab (2006 a 2012), houve a tentativa de encerrar o CIEJA, no entanto, foram mantidas todas as modalidades de EJA. De acordo com os dados apresentados, o programa se manteve com êxito em relação ao número de aprovados, sendo 47,7%, o número de reprovação foi 21,7%, e a evasão manteve-se quase em empate ao número de reprovados, 21% (CORTE, 2016, p. 66).

Já sobre a última administração, tendo Fernando Haddad (2013 a 2016) à frente do governo, Corte (2016) fala sobre as cinco ofertas da educação para Jovens e Adultos no município de São Paulo. A EJA Regular, que oferecia aulas presenciais com 11 horas de duração, em escolas municipais, estaduais e em escolas municipais de educação bilíngue, com durabilidade de 200 dias letivos e suas organizações semestrais.

O EJA Modular, é o modelo de ensino presencial no período noturno, desenvolvido em quatro etapas: alfabetização; básica; complementar; e final. Desta forma, o aluno entra e conclui em qualquer época do ano o ensino. É um modelo bem flexível, oferecendo um ano e meio de curso. Ainda na referida administração, também permaneceram os programas como o MOVA, CMTC e CIEJA. Luciane Cristina Corte analisa que o número de matrícula na EJA teve um significativo aumento entre os anos de 2000 a 2013. Contudo, houve um declínio das matrículas nas escolas municipais e um aumento nas escolas estaduais. Corte, afirma que essa mudança se dá pelo aumento de alunos, na maioria, adolescentes na rede estadual, nos anos finais do ensino médio na EJA. Ou seja, o processo de juvenização.

Luciana Corte, num segundo momento, enfatiza a questão do perfil da EJA sob novo olhar, para os estudantes que vem passando por inúmeras mudanças nesse molde. A autora apresenta três aspectos: sociedade; cultura e formação do jovem na EJA. O conceito de sociedade muda de acordo com as transformações do mundo, como organização do trabalho, relações sociais, políticas, culturais e modos de consumo. Correlacionadas, cada característica representa um conjunto de fatores contribuintes para o desenvolvimento da sociedade, somando para o crescimento cultural da humanidade.

É feito, ainda, um alerta sobre o perigo da pseudoformação na Educação de Jovens e Adultos, de modo que os estudantes terminam o ensino com um certificado de escolarização somente por terem frequentado a escola. Isso torna cada vez mais esses indivíduos analfabetos funcionais, pessoas sem a mínima capacidade de criticidade autônoma. Logo, com um mínimo preparo para a vida profissional são sujeitas a mínimos salários e trabalhos precários. Assim, Luciana Corte aponta a grande dificuldade enfrentada pelo aluno da EJA na contemporaneidade, a negação do direito a uma educação de qualidade.

Tendo consciência dessa complexidade, a autora afirma que novas formas de organização vêm sendo constituídas e alerta para o que não mudou, como a relação de poder entre os que dominam e os que são dominados. Outro ponto de partida de Corte é tratar sobre o novo perfil do público EJA. De acordo com a pesquisa, a partir de 1980 a EJA começa a receber jovens e esse processo se intensifica com a implementação da LDB 9394/96, no artigo de n.º. 38 (parágrafo 1º), que altera as idades para a realização de exames no Ensino Fundamental de 18 para 15 anos, e no Ensino Médio, de 21 para 18. Não definindo a idade certa para a matrícula.

Desta forma, destacamos que a exclusão dos jovens da escola regular cada vez mais cedo, direcionando-os a matricularem-se na EJA para concluir seus estudos, acarreta várias consequências em suas vidas tanto no que diz respeito ao social-uma vez que isso contribui para a restrição do campo da conquista de espaço e oportunidades que lhes permitam uma vida de maneira mais digna (sem a privação da liberdade de escolha); prejuízo por conta da redução de conteúdos; conceitos e atividades a quem de sua capacidade de compreensão; ambiente diverso do qual habituados (com diferentes faixas etárias numa mesma sala de aula); preconceito, no sentido de receber rótulo de indisciplinado, preguiçoso entre outros (que levam a privação do seu bem estar)-, quanto no profissional, no que se refere ao acesso no primeiro emprego de maneira desfavorável (indicando a privação de esperança) (CORTE, 2016, pg. 86).

Acrescente-se, ainda, que, diante dessa pesquisa, foi possível perceber as complexidades em que se deu a trajetória da EJA no Município de São Paulo. Os pontos fundamentais para entender essa dinâmica foram as políticas públicas empregadas nas gestões municipais. Nesta senda, os programas voltados para o ensino EJA, alguns citados acima, e os fatores que levaram a essas mudanças de público. Bem como o perfil dos alunos da EJA do município de São Paulo que mudou conforme a flexibilidade do modelo de ensino, onde alunos jovens poderiam cursar o ensino básico e por alguma dificuldade procuraram a EJA para estudar.

Por conseguinte, a seguir, o trabalho de conclusão de curso trata sobre: *A Evasão Escolar na Educação de Jovens E Adultos-EJA (2015)*, numa Escola no Município de Agua Fria de Goiás. O autor, Francisco Queiroz, vem apontando quais os principais problemas que causam o distanciamento dos alunos da escola. E também caracteriza esse problema, identificando o perfil docente e discente da escola pesquisada.

Portanto, será tratada sob a visão de Queiroz, ou seja, quanto a evasão escolar em seu trabalho, pontuando os fundamentos de sua pesquisa. De acordo com Queiroz, nessa conjuntura, são vários fatores que levam a evasão escolar. Ele mostra o pensamento de Meksenas, onde o mesmo fala que:

Obrigados a trabalhar para o sustento próprio e da família, exaustos da maratona diária e desmotivados pela baixa qualidade do ensino, muitos adolescentes desistem dos estudos sem completar o curso secundário (MEKSENAS, 1992, pg. 24).

Nesse contexto, esse é um fator de natureza externa, que permite grande parte da sociedade não conseguir fazer a educação básica no tempo e na idade correta. O ritmo de trabalho, carga horária, filhos, e a desmotivação fazem com que essa realidade conseqüentemente cresça. Logo, outros desafios para a permanência e continuidade do ensino são ressaltados por Queiroz. Como os fatores internos, aqueles que advêm de dentro das instituições de ensino dificultando a conclusão escolar.

É importante que a escola juntamente com os professores, os funcionários e todos os sujeitos envolvidos, busquem mecanismos que visem detectar os problemas e determinantes da evasão escolar, imprimindo um caráter coletivo com alternativas, ações pedagógicas e medidas possíveis visando o retorno dos alunos evadidos, bem como também, visando manter a permanência dos alunos na escola, antes que os mesmos abandonem os estudos (QUEIROZ, 2015, pg. 23).

Ao analisar a fala de Queiroz, é considerável perceber como os agentes internos da escola tem uma acentuada responsabilidade sobre a vida escolar dos alunos. Destacando que dentre todos os agentes, o de papel fundamental é o professor, que por sua vez está diretamente ligado ao aluno. Dessa forma, o professor passa a ser o fio condutor entre o aluno e a escola, possibilitando o sucesso para a conclusão do ensino. Entretanto, para os professores isso não é uma tarefa fácil, diante de tantas dificuldades que enfrentam diariamente no campo de serviço. Queiroz assevera que:

É necessário uma qualificação dos profissionais que atuam na educação de Jovens e Adultos e é de fundamental importância que a equipe docente esteja bem preparada para lidar com esse tipo de alunato. Por isso é extremamente importante a oportunidade de uma formação continuada para estes profissionais e principalmente para a melhoria do ensino (QUEIROZ, 2015, pg. 24).

Francisco Queiroz fez sua pesquisa em três grupos da EJA, do 7º, 8º e 9º ano da segunda etapa do ensino fundamental e entre cinco professores do segmento. Queiroz afirma que a escola pesquisada tem boa estrutura para receber os alunos, tem uma gestão participativa e apresenta o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola com seus objetivos. O PPP da escola tem inúmeros princípios norteadores para o sucesso educacional. Como os principais para a contribuição na Educação na escola têm-se: igualdade de condições para o

acesso e permanência na escola; valorização do profissional da educação escolar; vinculação entre a educação escolar, e o trabalho e as práticas sociais (PPP, 2015, p.52).

De acordo com os princípios citados acima, o primeiro aspecto (igualdade de condições para o acesso e permanência na escola), é indispensável, principalmente, quando se trata de trabalhar com a EJA, já que os estudantes têm diferentes idades e formas de vida, assim como, condições sociais e habilidades para o aprendizado. Ou seja, a escola precisa trabalhar mecanismos que ofereçam as condições necessárias para a permanência de todos os tipos de estudantes na escola. A valorização do profissional da Educação é indispensável, pois esses profissionais precisam de qualidade no trabalho, boa remuneração e, formação continuada para efetivarem-se positivamente com esse modelo de ensino. A vinculação da escola com o trabalho e a vida social dos alunos podem ser interligadas de maneira a facilitar a dinâmica entre as mesmas, oferecendo mais conforto e a autoconfiança dos membros da escola.

O PPP da escola para o ensino de jovens e adultos tem objetivos mais acentuados voltados para a classe EJA. Ele propõe que os educandos sejam capazes de dominar instrumentos básicos da cultura letrada, que lhes permitam melhor compreender e atuar no mundo em que vivem; ter acesso a outros graus de modalidade de ensino básico e profissionalizante, assim como a outras oportunidades de desenvolvimento cultural; aumentar a autoestima, fortalecer a confiança na sua capacidade de aprendizagem; valorizar a educação como meio de desenvolvimento pessoal e social; exercitar sua autonomia pessoal com responsabilidade, aperfeiçoando a convivência em diferentes espaços sociais (PPP, 2015, pg. 57 a 58).

O Projeto Político Pedagógico da escola voltado para a EJA requer mais conhecimento e capacidade do professor em trabalhar com um público distinto da educação básica. Além de ter mais conhecimento entre modalidades da educação, esse profissional precisa trabalhar sua autonomia com responsabilidade já que se depara com muitas adversidades.

Queiroz apresenta o perfil de alunos e professores atuantes na escola pesquisada promovendo a visualização do perfil dos estudantes e professores da EJA na instituição. Dentre o número de alunos entrevistados dez são do sexo feminino e três do sexo masculino. Nesse sentido, se observa que nesta escola o número de mulheres que participaram da pesquisa foi maior que os homens. Conseqüentemente, as mulheres são as que mais procuram a EJA para concluírem os estudos.

Na segunda entrevista Queiroz aponta a idade dos educandos. As idades variam de 20 a 40 anos, sendo dois alunos com idade entre 20 e 25 anos, oito deles têm cerca de 26 a 30 anos e três de 31 a 40 anos. Podemos ver que o público majoritário que faz EJA se dá entre pessoas com 20 a 25 anos. Nem tão jovens ou idosos. Entre as perguntas aos alunos está: Quais foram os motivos que os levaram a esta modalidade de ensino (EJA)? Dois disseram que procuraram a escola, pela necessidade de estudar para ensinar os filhos, quatro responderam que precisavam terminar os estudos e dois disseram que procuraram a EJA porque o curso era no turno da noite.

O autor perguntou aos entrevistados qual o objetivo para estarem fazendo EJA? O que buscavam? Dois responderam que buscavam aprender mais para ter mais oportunidades; um respondeu que era pra terminar os estudos; quatro responderam que queriam terminar e fazer faculdade e outro respondeu que queria terminar os estudos sem deixar de trabalhar. De acordo com os posicionamentos dos estudantes, eles demonstraram preocupação com o futuro. E também, como fazer uma faculdade e ter mais oportunidades no campo de trabalho. E nesse grupo não tem adolescente, como podemos observar nas idades. Logo se trata de alunos adultos que por motivos “pessoais” deixaram de estudar no tempo correto.

Sobre os docentes, foram cinco entrevistados. Dentre as perguntas três serão apresentadas aqui no sentido de entender o perfil da escola e dos professores. A primeira questão perguntada se trata do que a escola ou professores podem fazer para diminuir o índice de evasão escolar? Cada professor respondeu à pergunta diferenciadamente. Um optou por apontar aulas diferenciadas, atividades para o nível do aluno; outro marcou em tornar as aulas interessantes, e entender cada aluno; outro educador respondeu que seria planejar aulas atrativas que facilitem a aquisição do conhecimento; houve ainda quem citou: voltar todas as séries (etapas) para seis meses de duração, e outro respondeu ainda: conversar com os alunos e aplicar novos métodos.

Queiroz questionou os professores se havia na escola pesquisada algum projeto ou proposta pedagógica, por parte da escola ou dos professores, no sentido de tentar resgatar os alunos desistentes dessa modalidade de ensino. Dois professores responderam que não; um respondeu que a escola vai em busca do aluno, outro respondeu que através do diálogo apenas e um outro docente respondeu que a escola entra em contato com o aluno.

Outra pergunta direcionada aos professores foi: qual o perfil de seu alunato? Um professor respondeu: “são pessoas que têm interesse em conseguir algo na vida”; outro respondeu: “pessoas dedicadas, mas com muita dificuldade para acompanhar as atividades”;

teve ainda como resposta que: “Em sua maioria pais de família e adultos que passaram um longo período fora da escola”; e ainda: “pessoas que trabalham durante horas, são alguns alunos com certa idade, com muita vontade de seguir e conquistar os seus sonhos” e outro respondeu: “adultos, trabalhadores e moradores da zona rural que necessitam de transporte escolar e também trabalhadores e moradores da zona urbana”.

A partir das respostas e dos dados apresentados, podemos observar que o público EJA da escola do município de Agua Fria de Goiás, são pessoas adultas, com família, trabalhadores, que por algum motivo atrasaram os estudos no tempo certo e buscaram a EJA para a conclusão dessa etapa. De acordo com as respostas dos professores a escola é muito carente no que diz respeito às políticas pedagógicas para atuar a evasão desses alunos.

Nesse propósito, a pesquisa de Mônica Bandeira de Melo apresentada ao curso de especialização e tem como tema: *Reflexões Sobre o Perfil do Aluno EJA da E.E.E.F Álvaro de Carvalho (2014)*, mostra a dialética do perfil do aluno da EJA e o que esse modelo de ensino tem proporcionado ao alunado.

Aqui serão apresentadas as principais características contidas no trabalho, que identifique sobre o público da EJA. Primeiramente, é necessário fazer a revisão da Educação de Jovens e Adultos na Paraíba. Diante disso Melo afirma:

Na Paraíba, apesar da implementação de políticas recentes mais incisivas na área de Educação de Jovens e Adultos que vem reduzindo significativamente o analfabetismo na faixa etária até 50 anos de idade, ainda é expressivo o número de pessoas não alfabetizadas (MELO, 2014. pg. 20).

Nessa perspectiva, Melo sustenta que no estado da Paraíba há um olhar voltado para a EJA. Contudo, o nível de alfabetização dessas pessoas ainda é baixo. A autora fez um breve levantamento dos números de alfabetização com a idade a partir de 15 anos ou mais. A taxa de analfabetismo em 1980 era de aproximadamente 49,3; em 1991 passou para 41,7; no ano de 2000 foi 29,7; em 2003 caiu para 25,2 e em 2010 ficou em 20,20.

De acordo com o levantamento acima o número de analfabetos caiu de forma significativa. O modelo de ensino é trabalhado em todos os municípios do estado inclusive, nas penitenciárias. Dentre os significados do ensino EJA na Paraíba, os objetivos são:

- _Ampliar o acesso à educação em todas as etapas, níveis e modalidades;
- _Melhorar a qualidade pedagógica e social do ensino;
- _Democratizar a gestão educacional
- _Desenvolver mecanismos de valorização dos profissionais da educação;
- _ Desenvolver sistema de informação e de avaliação da educação no Estado da Paraíba;

_fortalecer mecanismos de regime de colaboração entre a União, o Estado e os Municípios, em articulação com a sociedade civil. (MELO, 2014, pg. 22).

Diante disso, é notória a preocupação com a EJA, que mesmo diante de tantas dificuldades ainda resiste nessa patente. Dentre os objetivos acima, a ampliação do acesso à educação, como a melhoria e valorização de professores por exemplo, são algumas das muitas dificuldades que o município de São Félix - MA enfrenta. A articulação entre os órgãos da educação com a população é algo que vem sendo trabalhado. Destacar a qualidade da educação e, conseqüentemente, o sucesso dos estudantes.

Outro ponto explicitado por Melo trata da “evasão escolar”. Na escola pesquisada pela autora um dos motivos que levam o ensino para Jovens e Adultos ao fracasso é:

Embora, um dos problemas que mais tem afetado o desenvolvimento da Educação de Jovens e Adultos – EJA tem sido a evasão escolar, que tem impossibilitado a existência de resultados satisfatórios. Entre os motivos da evasão escolar na EJA, destaca-se o trabalho, as desigualdades sociais e a família, além do fracasso muitas vezes no sistema de ensino, na escola, no horário escolar entre outros. (MELO, 2014, pg. 24).

Assim, conforme a fala acima, podemos observar que o trabalho é um dos principais motivos para a desistência dos alunos da EJA, pois a maioria são adultos com família formada e precisam trabalhar para o sustento dos mesmos, às vezes, sendo obrigados a abrirem mão de se formar na educação básica. Este mesmo motivo leva a muitos procurarem a EJA e quando a carga de trabalho é árdua deixam a escola.

A desigualdade social, diria, que é o maior produtor de pessoas analfabetas no país. E Melo aponta essa temática na tese de que é um dos motivos que causam a evasão escolar. Esse ponto é fundamental para entendermos o porquê de pessoas de classe baixa não estudarem como as classes mais altas. Enquanto quem tem uma vida mais confortável, com tempo, uma boa alimentação e família estruturada financeiramente têm chances de concluir os estudos com êxito. Por outro lado, pessoas que vivem com muito pouco; jovens, adultos e até mesmo idosos precisam trabalhar para sobreviver, não tem tempo de se dedicarem à escola e as oportunidades são quase inexistentes, já que estudar requer tempo e dedicação.

Melo também aponta o fracasso no sistema de ensino como outro problema da evasão escolar. Este ponto é interessante, pois, a escola é a base para uma educação de qualidade. Contudo, as escolas e os profissionais são carentes de mecanismos para minimizar o problema da evasão escolar. A escola, juntamente com os profissionais, precisa ser capacitada para

trabalhar com o modelo de ensino EJA, no intuito de manter o aluno na escola, evitando a desistência. Sobre isso Melo diz:

É imprescindível que a escola redirecione “o seu olhar” afim de buscar caminhos e estratégias para lutar e combater a evasão, tendo por meta uma educação de qualidade promovida por professores, capacitados e desejos por empenhar seu papel de transformador social, contudo essa qualidade da educação não é um compromisso de um ou dois educadores, mais de toda a comunidade escolar. O processo de ensino-aprendizagem na EJA deve ser visto como responsabilidade de todos pela interação entre os sujeitos reafirmando a escola como lugar para a ação humana, um esforço contínuo de ação-reflexão- ação sobre a prática pedagógica. (MELO, 2014, pg. 27).

O perfil dos alunos da EJA na escola Álvaro de Carvalho demonstra bem a dinâmica da educação na escola pesquisada e evidencia quem são essas pessoas e porque optaram por fazer EJA. A autora mostra, no primeiro gráfico, o gênero dos estudantes pesquisados. De acordo com os dados 42,5% dos alunos são do sexo masculino e 57,5% são do sexo feminino, logo, as mulheres, na escola Álvaro de Carvalho, formam a maioria.

A faixa etária dos estudantes varia de 15 a mais de 50 anos. Sendo que 17,5% tem entre 15 a 25 anos, 20% tem entre 26 há 35 anos, 32,5% de 36 há 50 anos e 30% tem 50 anos ou mais. O resultado demonstra que a idade dos estudantes da EJA é considerável entre pessoas acima dos 35 anos de idade. Sendo aproximadamente 62% o número de pessoas com essa faixa etária de idade fazendo EJA.

A autora buscou saber o estado civil dos discentes para entender no que isso influi nos estudos. Dentre eles 27,5% são solteiros, 47,5% casados, 15% separados e 10% não informaram. Podemos visualizar que a maioria possui um matrimônio, dificultando assim a conciliação entre casamento e os estudos. Sobre a quantidade de filhos, 35% não tem filhos, 37,5% tem 1 ou mais, 27,5% tem 3 ou 4 e ninguém possuía mais que 5 filhos entre os pesquisados.

Monica Bandeira de Melo (2014) perguntou aos pesquisados quanto tempo estavam sem estudar quando procuraram a EJA. Entre as respostas 27,5% disseram que tinham até 5 anos sem estudar, 20% entre 6 a 10 anos, 17,5% de 11 a 20 anos e 35% mais de 20 anos longe dos bancos escolares. A resposta para tanto tempo longe da escola foi justificada pela falta de interesse, gravidez na adolescência, ajudar o pai com o trabalho na roça, dentre outras responsabilidades e a conciliação entre trabalho e estudo.

Na pergunta sobre o que motivou a procurar a EJA para continuar os estudos, 27,5% responderam que precisavam concluir os estudos para conseguir um emprego melhor, 20%

disseram que foi exigência do trabalho, 30% responderam que queriam vencer na vida e ter um futuro melhor, e 22,5% outros motivos.

Diante dos fatos acima, podemos ver que o perfil dos alunos pesquisados são pessoas sofridas, a maioria já com mais de 30 anos, e que precisam trabalhar e cuidar da família, no entanto, buscaram voltar para escola como uma forma de melhorar de vida, mesmo em meio a tantas dificuldades.

Demais disso, a partir do trabalho monográfico de Décia Maria de Bastiane, cujo tema é o *Perfil e Desafios dos Alunos da Educação de Jovens e Adultos do Município de Santa Helena - PR (2011)*, são apresentados os perfis dos alunos que fazem EJA no referido município, focando, principalmente, nas especificidades dos mesmos e pontuando os problemas que esses estudantes enfrentam nessa modalidade de ensino.

Aqui serão levantados os principais dados da pesquisa de Bastiane, evidenciando o perfil dos alunos da EJA. De modo que a autora buscou caracterizar esse público e para tanto, é feito um breve levantamento sobre a Educação de Jovens e Adultos, que confirmam os resultados de sua pesquisa. Nesse sentido, Bastiane aduz:

A proposta pedagógica da EJA está pautada pelo dever do Estado de garantir a Educação Básica às pessoas jovens e adultas nas especificidades dos tempos humanos. A Educação de Jovens e Adultos deve ser compreendida enquanto processo de formação humana plena que, embora instalado no contexto escolar, deverá levar em conta as formas de vida, trabalho e sobrevivência dos jovens e adultos que se colocam como principais destinatários dessa modalidade de educação. Consequentemente se orienta pelos ideários da Educação Popular: formação social, política e profissional. (BASTIANE, 2011, pg. 26)

Nesse contexto, é possível compreender o ideário do modelo de ensino EJA. Este segmento tem como proposta levar em consideração as características do estudante e suas especificidades. Noutro falar, do mesmo modo que o ensino regular “forma” cidadãos capazes de pensar, a Educação para Jovens e Adultos também precisa alcançar esse propósito. A autora expõe que a formação social, política e profissional são fundamentos que a educação pode ocasionar num educando.

Logo, Décia Maria de Bastiane, comenta quem são os alunos atuantes na EJA do Brasil, ou seja, os principais perfis encontrados nas salas de aula deste seguimento. Assim:

A quase totalidade dos alunos de EJA são trabalhadores. Com sacrifício, acumulando responsabilidades profissionais e domésticas ou reduzindo seu pouco tempo de lazer, estes alunos frequentam os cursos noturnos, na expectativa de melhorar suas condições de vida. A maioria nutre a esperança de continuar seus estudos, e ter acesso a outros níveis de ensino e habilitações profissionais, além de é

claro de conseguir um emprego melhor. Existem pais e mães que voltam a estudar na esperança de ajudar os filhos na escola. (BASTIANE, 2011, pg. 28)

Sendo assim, o perfil dos alunos da pesquisa monográfica de Bastiane vai de encontro a sua fala, já que de acordo com os dados apresentados na sua investigação a maioria são pessoas que não tiveram a chance de estudar no tempo correto e que tem muitas outras responsabilidades dificultando, de tal modo, a carreira escolar.

Diante desse quadro, a autora apresenta o perfil e as características dos alunos em gráficos, em que podemos observar as peculiaridades dessas pessoas. Primeiramente, é apresentado o gráfico que mostra o gênero/sexo dos alunos. De modo que dos 37 alunos entrevistados 75% são do sexo feminino e 37,8% do sexo masculino. Ou seja, as mulheres permanecem com um percentual maior que os homens na escola.

Sobre o estado civil dos alunos, 29,7% responderam que são solteiros(as), 59,5% casados(as), 10,8% s separados(as). Em relação a quantidade de filhos, 33,3% responderam que não tinham filhos, 27,3% de 1 a 2 filhos, 24,2% de 3 a 4 filhos, 15,2% afirmaram ter mais de 4 filhos. Diante do estado civil dos alunos, podemos observar que a maioria são casados e que muitos deles têm filhos, apesar de 33% dos entrevistados assegurar não ter filhos (BASTIANE, 2011, p. 33, 34).

Sobre profissão, neste aspecto, os alunos pesquisados responderam que trabalham nos mais diversos seguimentos: como armador de ferro, servente de pedreiro, ajudante de produção, do lar, operador de máquina, costureira, serralheiro, açougueiro, soldador, mecânico, empregada doméstica, atendente, e ainda, pedreiro. Observa-se que esses alunos trabalham em diversas áreas e que são ocupações pouco remuneradas, mostrando assim que muitos são pessoas cansadas e de classe baixa, tendo que estudar a noite para concluir o ensino básico.

Quanto a faixa etária 24,2 % tem entre 18 a 25 anos, 24,2% de 25 a 35 anos, 24,2% de 35 a 45 anos, 15,2% de 45 a 55 anos e 12,1% mais de 55 anos. A autora relata que numa mesma sala de aula foram encontrados alunos com idades bem diferentes. Isso demonstra que a EJA trabalha com muitas especificidades. Adiante, Bastiane fala sobre trabalho e quantos dos alunos entrevistados estavam empregados. Entre eles, 27,3% tinham empregos formais e 72,7% não eram empregados. A autora fala que os desempregados afirmavam estar fazendo EJA em busca de conhecimento para conseguir um emprego. E os que já estavam empregados, iam em busca de melhorar sua posição dentro da empresa.

De acordo com essas informações, vamos analisar a renda mensal dos pesquisados, explicitando o perfil econômico dos mesmos. Uma vez que aproximadamente 27,3% recebem

até 1 salário mínimo por mês, 42,4% tem renda mensal de 1 a 2 salários, 15,2% de 2 a 3 salários, e ainda, 15,2% tem mais que 3 salários mínimos por mês. Segundos esses números, podemos observar que os alunos da EJA pertencem a uma mesma classe social. São pessoas que recebem pouco e que lutam para melhorarem de vida.

Quanto aos estudos, foi levantado o tempo que esses alunos ficaram fora da escola. De acordo com as informações, 9% desses alunos disseram ter ficado até 1 ano fora da sala de aula, 3% ficaram de 1 a 2 anos longe do ambiente escolar e 88% relataram que ficaram mais de 3 anos sem estudar. Dentre os motivos, relataram que precisavam ajudar os pais; as meninas com trabalhos domésticos, quando eram a mais velhas, e os meninos com o serviço de roça. Dentro desse mesmo tópico, a autora diz que uns 5 alunos responderam que ficaram entre 20 a 30 anos sem estudar.

Em relação ao índice de aprendizagem quanto ao conteúdo repassado nas aulas, 57,6% disseram que tem uma ótima aprendizagem, 27,3% relataram que tem uma boa compreensão dos conteúdos e 15,2% que tem um entendimento regular sobre o que é exposto na sala de aula. Nesse mesmo contexto, 69% disseram sentir dificuldade na aprendizagem e 30,3% falaram que não sentem dificuldade. O alto número de estudantes que sentem dificuldade na aprendizagem diz que a principal causa é a idade. Os alunos acham difícil ler, escrever e calcular, por exemplo.

Com o olhar voltado para os professores atuantes na EJA, os alunos falaram sobre o que mais gostam de aprender e qual a imagem que eles têm do professor. Sobre os recursos que mais gostam de aprender, 50% disseram gostar de aulas expositivas no quadro, 3,3% dos recursos de multimídias (Datashow, vídeos, som), 16,7% de livros didáticos e leitura, 16,7% de palestras e 13,3% de grupos de discussão. Sobre a imagem que os alunos têm do professor, 7,4% disseram que veem o professor como uma pessoa comum, 37% como um facilitador de aprendizagem, 11,1% tinham a visão de um mestre, sendo que 29,6% tinham-no na conta de um transmissor de conhecimento, e 14,8% seria um amigo. Desta forma, entende-se que o professor da EJA tem um grande desafio, que é conseguir se conectar com diversas pessoas e com distintos perfis e idades.

Sobre a motivação pelos estudos, tem-se que 78,8% disseram que sim, se sentem motivados e 21,2% que não se sentem motivados. Enquanto ao apoio familiar 100% dos entrevistados disseram que a família contribui de alguma forma para que eles permaneçam nos estudos. Nota-se que muitos alunos dizem não sentir motivação para estudar devido ao passado difícil na escola, a autoestima fragilizada, assim como as dificuldades da vida.

Apesar das dificuldades, os alunos têm expectativas sobre a escola e também aspirações acadêmicas. Em relação a isso, 100% dos alunos disseram que a escola atende suas expectativas, não havendo quem disse o contrário. A expectativa desses alunos é aprender a ler e escrever corretamente, resolver problemas matemáticos, e para tanto, um professor que ensine com paciência. Sobre as aspirações acadêmicas, 52,9% pretendem concluir o ensino fundamental, 11,8% anseiam concluir o ensino médio, 11,8% desejam fazer uma faculdade, 11,8% esperam fazer um curso técnico, e 11,8% fazer pós-graduação. Isso demonstra que os alunos pensam no futuro, mas, ao mesmo tempo, são muitas as dificuldades, como falta de vagas ofertadas nas instituições públicas e a falta de condições financeiras para entrarem numa escola ou universidade privada.

Outro ponto destacado pela autora é quanto a desistência pelos alunos da EJA. Nas respostas, 54,5% disseram já sentir vontade de desistir dos estudos e 45,5% falaram que não. Os motivos são os mesmos já citados aqui, falta de tempo, trabalho pesado e o cansaço.

Ainda pertencente a essa situação, a dissertação de Roselita Soares, que traz como tema: *Evasão e Permanência na EJA: por um Trabalho de Qualidade na Gestão de uma Escola da Rede Municipal de Belo Horizonte (2013)*. A referida tese tem como foco principal abordar a contribuição da gestão escolar para a identificação dos fatores que levam à evasão e a permanência dos alunos da EJA na escola. Aqui serão apontadas algumas questões sobre a dinâmica da gestão municipal de Belo Horizonte para com a EJA e o perfil dos alunos e professores da escola pesquisada.

Nesse sentido, a autora apresenta sua ideia, corroborando com os trabalhos acima apresentados. De fato, a EJA é um segmento de especificidades, ou seja, sujeitos de faixas etárias e histórias de vida diversas. Nesse contexto, Faria aponta:

Nesse contexto, os fóruns de EJA movimentam o debate em favor de políticas focadas nessa modalidade em prol de uma escola democrática que atendem as necessidades dos sujeitos. A sua história tem convergências com a Escola Plural em Belo Horizonte, que trouxe mais fortemente a ideia de inclusão social e de respeito à diversidade dos alunos nas escolas (FARIA, 2013, pg. 29)

Um grande problema nas escolas hoje em dia, principalmente nas municipais, se trata da centralização do poder administrativo. A democracia dentro da escola é indispensável para o crescimento educacional e, conseqüentemente, para a permanência dos alunos na sala de aula. No caso da Educação para Jovens e Adultos, essa tese se fortalece mais ainda. De acordo com isso, Faria discorre que:

Muitos educadores que atuam como líderes na constituição da EJA na capital mineira encaram essa modalidade de ensino como espaço de luta e militância junto aos trabalhadores. Esse é o tom presente, principalmente, no parecer CME n° 093/02, que orienta a organização da EJA no município. O documento vai ao encontro de uma discussão da época, permeada pelos conceitos de autonomia pedagógica, descentralização e gestão democrática, pautada na ideia de que cada escola deveria criar, junto à comunidade escolar, o seu projeto político pedagógico exclusivo para EJA (FARIA, 2013, pg. 29).

A autora aborda que o parecer CME n° 093/02 fora construído pelo Conselho Municipal de Educação, a pedido da SEMD com uma ampla participação da sociedade no intuito de favorecer a todos. Contudo, diante desse parecer, um problema é debatido. Problema este que está diretamente ligado ao EJA nos dias atuais. Sobre isso é dito:

Um dos principais destaques desse documento está na centralidade das ações, que tem em vista as necessidades dos sujeitos da EJA. Apesar de ser voltado para a Educação de Jovens e adultos, enfatiza como uma preocupação apontada por professores e educadores da modalidade, o grande número de alunos adolescentes que, já a partir dos 15 anos, passam a compor essas turmas (FARIA, 2013, pg.30).

Em relação ao público da EJA, é reforçada ainda mais a ideia da avaliação do corpo docente, com os mecanismos a serem utilizados na construção das políticas pedagógicas nessa modalidade. Nesse contexto, a autora apresenta algumas propostas pedagógicas do CME, 2002, de Belo Horizonte, que evidenciam as práticas para a EJA. Três características são favoráveis ao entendimento da proposta CME:

Certificação: não aponta um tempo mínimo para a certificação. Ela deve se pautar nos conhecimentos escolares e nos conhecimentos já adquiridos pelos alunos por outros meios, tanto formais como informais. **Identidade da EJA:** evidencia que a modalidade de ensino precisa está centrada no educando e na necessidade de entender o sujeito que participa na modalidade. Solicita a organização dos processos de acordo com as especificidades e o modo de aprender dos alunos sujeitos da EJA, apontando para o desafio pedagógico de incluir aquilo que já tenham como conhecimento prévio aos processos escolares. **A formação docente:** define que a formação docente deve acontecer de forma continuada, focada na superação de práticas que reproduzam desigualdades sociais. Compreende o ato educativo como criador de possibilidades e a prática docente como uma ação coletiva (FARIA, 2013, pg. 33)

É preciso considerar que em 2011 e 2012 esses parâmetros pedagógicos são avaliados e “reformulados” no intuito de melhorar e atender as expectativas dos alunos na EJA. A autora fala que mudanças influenciaram o trabalho pedagógico: mudanças sociais e econômicas da localidade e a formatação das políticas públicas (FARIA, 2013). Como novas implementações nos parâmetros têm-se:

Novas orientações para as escolas como parte de um processo de reorganização de atendimento de EJA na rede municipal (ofício SEMED N° 92/2004); implantação de novos documentos para comprovar a certificação dos alunos: avaliação de certificação, relatório final de certificação, atestando as competências e habilidades adquiridas e assinadas por professores, coordenação pedagógica, direção escolar e acompanhante pedagógico e ficha de avaliação final com os conceitos de disciplina; início dos movimentos de reformulação dos PPPs, tendo em vista procedimento mais unificadas (FARIA, 2013, pg. 38)

Portanto, podemos observar que a escola pesquisada (GIRASSOL), passou por grandes modificações que são favoráveis ao desenvolvimento do ensino para jovens e adultos. O perfil dos alunos e dos professores da instituição o que deixou mais clara a dinâmica do ensino EJA. Nessa assertiva, Roselita Soares de Faria buscou conhecer as características dos docentes através de levantamento de dados.

De acordo com os levantamentos na escola Girassol, consta que os professores, no ano de 2012, eram 8 atuantes na EJA. Dentre eles, o professor 01 é formado em Ciências Biológicas e matemática, sendo ainda pós-graduado em Nutrição Humana, com 23 anos de magistério e 51 anos de idade; o educador 02 é formado em Pedagogia, com pós-graduação em Psicopedagogia, possui 20 anos de magistério e 42 anos de idade; sobre o 03, tem formação em Pedagogia e pós-graduado em Psicopedagogia, com 15 anos no magistério e 42 anos de idade; professor 04 tem formação em História, pós-graduação em Alfabetização e Letramento, 30 anos no atuando no magistério e 58 anos de idade; quanto ao educador 05, este possui formação em Pedagogia, pós-graduação em Educação Matemática, leciona há 14 anos e tem 40 anos de idade; já o professor 06 cursou Pedagogia, fez pós-graduação em Coordenação e Supervisão, com 19 anos no magistério e 41 anos de idade; e ainda, o de número 07 formação possui formação em Artes Visuais, pós-graduado em Alfabetização/Arte Educação, exerce o magistério a 25 anos e tem 52 anos de idade; por fim, o educador 08 é formado em Letras, não possui pós-graduação, atua há 23 anos no magistério e tem 51 anos de idade.

Com efeito, na equipe escolar da Escola Girassol, de acordo com a autora, todos os professores são concursados e estavam lotados na EJA. Os responsáveis pela administração escolar, Diretor e Coordenador, são pessoas influentes na escola e trabalham há anos com essa modalidade de ensino. Desta forma, 01 - Coordenador de turno (disciplinar), formação em História, pós-graduação em História da África e Cultura Afro-Brasileira, 10 anos de magistério e 44 anos de idade; 02 - Coordenador pedagógico, tem formação em Pedagogia e Artes Plásticas, pós-graduação em Educação Comunitária e Psicopedagogia, 19 anos no magistério e 34 anos de idade; 03 - Vice-Diretora, formação em Letras – Inglês, pós-

graduação em Educação e Juventude, há 15 anos no magistério e 39 anos de idade; 04 – Diretora, com formação em Letras, não possui pós-graduação, atua a 24 anos no magistério e 44 anos de idade; 05 – secretária, com formação em Pedagogia, sem pós-graduação, há 27 anos no magistério e 52 anos de idade. Em suma, todos os funcionários da secretaria da escola são formados e tem muito tempo de gestão escolar (experiência).

Os Perfis dos alunos, de acordo com a autora, consistem que, entre os anos de 2008 a 2012, tinham de 15 a 18 anos, e foram matriculados 450 nessa faixa etária; dos alunos que tinham entre 19 a 29 anos, foram 471 matriculados; dos que tinham de 30 a 40 anos, foram 396 os matriculados; educandos com 40 a 60 anos, foram 357 matriculados; e com mais de 60 anos, foram 115 matriculados. Assim, pode-se observar que o público que predominou na EJA, nesse período de tempo, foi de 19 a 29 anos. Sabe-se que eram pessoas adultas, que, provavelmente, tinham vida ativa de trabalho e, provavelmente, cansados da jornada de trabalho. Em segundo lugar estão os jovens entre 15 e 18 anos. Os idosos também têm número considerável de matrículas, evidenciando, assim, a importância da EJA.

Cabe destacar que o número de alunos matriculados por gênero, entre 2008 a 2012, consta que 877 são do sexo masculino e 996 do sexo feminino. O número de mulheres matriculadas supera o de homens. Tais considerações apontam que há uma pluralidade entre os alunos. São pessoas de diversas faixas etárias e, conseqüentemente, modos de vida distintos. São alunos que não fizeram o ensino regular com a idade correta, e, diante disso, podemos observar que a escola tem grande responsabilidade em contribuir com mecanismos que favoreçam a permanência dos alunos em sala de aula.

Em razão dessa realidade, a descentralização de poder e a autonomia dos professores e gestores da escola são eficazes para firmar o ensino da EJA. E ainda, o PPP é a ferramenta fundamental para o desenvolvimento de ensino, de modo que a *Escola Girassol* trabalhou esse documento para melhorar o atendimento aos alunos da EJA. De fato, a qualificação dos professores é fundamental para o sucesso na Educação de Jovens e Adultos. Sendo que os professores pesquisados, em totalidade, são funcionários efetivos, com emprego seguro, todos têm curso superior, muitos com pós-graduação. Quanto aos gestores, estes são pessoas qualificadas, experientes em trabalhar com a EJA. A escola Girassol tem um perfil satisfatório em relação a pesquisa, pois abarca as necessidades que o grupo de alunos da EJA minimamente necessitam.

Nessa perspectiva, a pesquisa de Teodoro Antunes Gomes Filho, cujo tema é: *Saberes Docentes em EJA: um Estudo na Rede Municipal de Sapucaia do Sul - RS (2012)*, destaca-se por ser um trabalho pautado no DOCENTE, ou seja, a tese em questão é uma

pesquisa focada no “professor” da EJA, nos saberes docentes. Aqui serão expostas as principais características da pesquisa de Gomes, evidenciando no que sua tese propicia para o trabalho monográfico. Vale ressaltar que o autor teve como interesse principal de pesquisa, identificar “quais os saberes docentes em EJA, que atuam na rede municipal de Sapucaia do Sul (RS), se utilizam em suas aulas nas series finais do ensino fundamental, da educação básica”.

Gomes (2012) fez o levantamento em nove escolas na zona urbana, da referida cidade. São escolas municipais que oferecem o ensino para jovens e adultos das series finais do ensino fundamental, sendo apenas uma das series iniciais do ensino fundamental. De acordo com Gomes, dentre as sete escolas que oferecem as series finais do ensino fundamental, ao todo trabalham 69 professores, dos quais 35 participaram diretamente da pesquisa, respondendo os questionários. O autor demonstra, em tabulação, o número de professores por categorias e por gênero.

Sendo que, de Língua Portuguesa: 09 professores; de Matemática: 09; História: 08; de Geografia: 08; Ciências: 08; Educação Artística: 07; Educação Física: 05; Inglês, 08; e mais, Ensino Religioso: 07. Sendo o total de 69 professores. Sobre o perfil dos professores da EJA são: 28 mulheres e 7 homens; já o tempo de docência, varia entre 1 e 39 anos, e o tempo de docência em EJA, especificamente, consta entre 1 e 15 anos; no aspecto da idade, estas variam de 27 a 65 anos. Dentre os professores, 20 são formados em nível técnico, 35 docentes são formados em nível de graduação, e ainda, 19 são formados em nível de especialização, 4 educadores são formados em nível de mestrado, e 6 são formados em nível técnico ou superior.

Com base nos eixos temáticos usados por Gomes, tem-se: Conte (2008), que fala sobre formação docente, saberes docentes/ Dresch (2001), assevera sobre: ensino fundamental, formação docente, saberes docentes/ Lúcio (2006), trata sobre ensino fundamental, formação docentes/ Messer (2007), discorre sobre formação docente, saberes docentes/ Miranda (2008), pondera sobre ensino fundamental, formação docente, práticas pedagógicas, saberes docentes/ Moura (2006), sobre formação docente, práticas pedagógicas, saberes docentes/ Resende (2004), quanto a formação docente, saberes docentes/ Santos (2007), analisa sobre ensino fundamental/ Schneider (2005) discorre sobre ensino fundamental, formação docente e saberes docentes.

Diante dos teóricos acima, a conclusão extraída por Gomes foi de que: 1) Os professores preocupam-se com o processo de formação docente e se veem implicados com sua própria formação; 2) O professor reflete sobre seu próprio processo de aprendizagem,

suas lacunas e seus limites de formação; 3) Os saberes da vida cotidiana e os da experiência são pontos de partida que devem ser utilizados para um ponto de chegada, visando um trabalho profissional transformador; 4) Os professores da EJA relacionam sua identidade profissional com o perfil sociocultural de seus alunos; 5) É exercício fundamental do professor da EJA saber lidar com as histórias de vida de seus alunos, marcadas por fracassos sucessivos na aquisição do saber escolar; 6) A prática docente é mobilizada de vários saberes profissionais, sobressaindo-se aqueles constituídos com base nas experiências, nos disciplinares e nos pedagógicos, respectivamente; por fim, 7) Os desafios do trabalho docente extrapola o campo da formação, e que busca atender especificidades da EJA, o professor trabalha os conhecimentos baseados na realidade do aluno.

Gomes faz um breve levantamento sobre os saberes docentes com base em Freire (1996), saberes docentes por Gauthier (1998), e saberes docentes por Tardif (2002). Dois pontos de cada pensador da educação serão expostos para a compreensão do tema.

Por Freire:

- *Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores:* o respeito do professor à pessoa do educando, à sua curiosidade, à sua timidez, que não se deve agravar com procedimentos inibidores, exige do educador o cultivo da humildade e da intolerância. Os educandos precisam saber que a luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética (FREIRE, 1996, p. 27).
- *Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível:* como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente o professor se relaciona, seu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. O educador não é apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente (FREIRE, 1996, p. 30).

Por Gauthier:

- *Saberes das ciências da Educação:* São determinados conhecimentos profissionais que, não embora ajudem diretamente a ensinar, informam o professor a respeito de várias facetas de seu ofício ou da educação de um modo geral. Por exemplo, o professor possui noções relativas ao sistema escolar, sabe o que é um conselho escolar, um sindicato, uma carga horária, talvez tenha também uma ideia da evolução de sua profissão, e domina determinadas

noções sobre o desenvolvimento da criança, as classes sociais, os estereótipos, a violência entre os jovens, a diversidade cultural, etc (GAUTHIER, 1998, p. 31).

- *Saberes da ação pedagógica*: o saber da ação pedagógica é o saber experiencial dos professores a partir do momento em que se torna público e que é testado através das pesquisas realizadas em sala de aula. Os julgamentos dos professores e os motivos que lhes servem de apoio podem ser comparados, avaliados, pesados, a fim de estabelecer regras de ação que serão conhecidas e aprendidas por outros professores. Os resultados das pesquisas sobre o saber da ação pedagógica poderiam contribuir enormemente para o aperfeiçoamento da prática docente (GAUTHIER, 1998, p. 33).

Por Tardif (2002):

- *Saberes pessoais dos professores*: adquiridos através da família, o ambiente de vida, a educação no sentido lato, etc (TARDIF, 2002, p. 63)
- *Saberes provenientes da formação profissional para o magistério*: adquiridos através dos estabelecimentos de formação de professores, os estágios, os cursos de reciclagem, etc (TARDIF, 2002, p. 63).

Diante do trabalho de Gomes, vemos a demonstração dos resultados dos dados da pesquisa em quadros. A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2010. Com base na análise das respostas dos 35 professores que responderam o questionário, Gomes agrupou em 4 dimensões sendo ela: *objetivos da EJA, saberes docentes, métodos pedagógicos e métodos avaliativos*.

Fundamentado na interpretação dos dados das tabelas, pode-se apreender pelos resultados das falas dos professores que 78% do teor de seus relatos foram voltados para a dimensão “saberes docentes”, seguido de 19% voltados para a dimensão “procedimentos metodológicos” de sala de aula, e 3% voltados para a dimensão “objetivos da EJA”. Logo, as categorias mais salientadas com 60% são as experienciais, 17,3% as curriculares, e 9,9% são as ciências da educação, empatada com a tradição pedagógica, e ainda, 0,2% as disciplinares. Diante disso, as fontes de aquisição dos saberes docentes mais utilizadas e relevantes pelos professores da Educação para Jovens e Adultos foram: Thardif e Freire.

Em relação ao levantamento das questões acima, podemos destacar que os professores usam as práticas do ofício na escola, apreensão de realidade, que os professores se preocupam com sua formação, que há uma boa ligação entre aluno e professor, que usam da

humildade e tolerância para com os educandos, e buscam a mudança que é possível, como afirma FREIRE (1996).

Ao analisar o trabalho de Gomes, é possível identificar o perfil dos professores da rede municipal de Sapucaia do Sul, como professores atuantes, professores que buscam conhecimento diariamente, professores que trabalham na visão de grandes líderes intelectuais, como Paulo Freire e Thardif, Gauthier, por exemplo, e que tem boa relação com os alunos da EJA. A localidade da escola, assim como o perfil dos professores, propicia para que a EJA funcione de modo satisfatório aos alunos. No município de São Félix de Balsas a educação ainda é muito carente no que diz respeito a qualificação dos professores, como veremos adiante.

3 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA MUNICIPAL AUGUSTO MARTINS, EM SÃO FELIX DE BALSAS – MA

Neste capítulo serão apresentados os resultados e discussão sobre o perfil dos alunos e professores da EJA, na Escola Municipal Augusto Martins, localizada em São Félix de Balsas – Maranhão.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A escola Augusto Martins tem 22 anos de atuação na comunidade, e desde 2010 oferece a modalidade EJA de ensino fundamental, que até este ano não foi regulamentada. De antemão, a escola não possui um PPP (Projeto Político Pedagógico) atual. O espaço passou por reformas e na mudança dos móveis esse documento foi perdido. Como a escola não trabalha com catalogação ou digitação de documentos, este PPP não foi recuperado e devido aos últimos acontecimentos “pandemia”, ainda não se iniciou a elaboração de um novo PPP.

O referido estabelecimento de ensino está localizado no Centro da cidade, destacando-se por ser uma localidade residencial. Entre o ano de 2017 até 2019 a escola atendeu por volta de 91 alunos na EJA. De modo que a EJA, na escola pesquisada, funciona desde 2010, compondo duas turmas com capacidade para até 40 alunos cada. Trata-se da 2ª etapa, que representa o sexto e sétimo ano e a 3ª etapa representando o oitavo e nono ano. As aulas são distribuídas em duas horas e meia de trabalho em sala de aula, começam às 18h30 e vão até às 21h. Uma vez ao mês são separados dois dias em que se encontram professores e gestores da escola para a elaboração de planos de aula e projetos. A escola em seus 22 anos de existência passou por muitas experiências, mas ainda é muito carente de políticas que possam melhorar o ensino.

Atualmente, a escola passou por uma grande reforma, que trouxe grandes benefícios para os alunos e a população em geral. Anteriormente a escola dispunha de quatro salas e um auditório que era transformado em duas turmas improvisadas. Agora, a escola possui sete salas, todas climatizadas, com um auditório fechado e também climatizado. A sala dos professores que anteriormente servia de secretária, hoje dispõe de duas salas para atender a demanda de seus funcionários. Dispõe de rampas para o acesso a cadeirantes que antigamente não tinha. Por ser localizada num terreno acidentado era muito difícil o acesso das pessoas que tinham dificuldades de locomoção. O espaço interno da escola, após a reforma, está totalmente capacitado para receber todos os tipos de alunos.

A cidade de São Félix de Balsas é muito pequena e de difícil acesso e por esse motivo muitos alunos dos povoados vizinhos deixam de estudar. A cidade é rodeada pelo Rio Balsas, e para o acesso é necessário atravessar o rio por uma balsa, que é cobrado um valor por veículo e pessoas. Mesmo com a prefeitura colaborando com carros para o transporte dos alunos, ainda não é o suficiente para dar conta da demanda de pessoas. A escola Augusto Martins é a única que oferece a modalidade EJA de ensino no município, e, por isso, muita gente fica sem estudar por falta de oportunidade e acesso à educação.

Enquanto aos alunos participantes, apenas 8 que concordaram em participar e responder o questionário da pesquisa. Diante do número de matriculados, o percentual de alunos foi pouco devido a evasão escolar e também a pandemia que estamos enfrentando neste ano. Assim, o contato com os alunos se tornou difícil e muitos moram em zona rural sem rede de telefonia.

3.2 PERFIL DOS DOCENTES NA EJA DA ESCOLA MUNICIPAL AUGUSTO MARTINS

Para analisar e explicar os dados obtidos através da aplicação de questionários e pesquisa de campo, optou-se por apresentá-los em tabelas. As informações dos professores estão expostas a seguir em tabelas para obtenção do perfil e perguntas dos questionários feito aos professores da EJA. O quadro de gestores é composto por diretor(a), secretário(a) e professores.

Quadro 2: Perfil dos docentes na equipe de gestão da escola pesquisada - Ficha de funcionários da secretária da escolar 2019

Nº	FUNÇÃO	FORMAÇÃO	PÓS-GRADUAÇÃO	TEMPO NO MAGISTERIO (EJA)	IDADE
01	Secretária	Licenciatura em Magistério	Psicopedagogia	8 anos	57
02	Diretora (EJA)	Pedagogia	Psicopedagogia	4 anos	53

Fonte: Dados da pesquisa

A equipe que faz a gestão da EJA é composta por duas pessoas. Como o curso funciona no turno noturno o fluxo de alunos é bem menor em relação aos horários diurnos, assim permitindo que somente duas funcionárias tomem o comando da EJA. Como se observa na tabela acima, as duas tem formação superior. A secretária fez o curso de magistério e trabalha com a EJA há aproximadamente 8 anos, é pós-graduada em Psicopedagogia e tem 57 anos de idade. A diretora responsável pela EJA por sua vez, é licenciada em Pedagogia, tem pós-graduação em Psicopedagogia e há quatro anos dirige a EJA, tem 53 anos de idade.

A secretária e a diretora da EJA substituem a diretora e a secretária oficial da escola, que por uma divisão de trabalho não permanecem no período da noite na escola. As duas funcionárias citadas responsáveis pela EJA, já foram professoras do ensino fundamental regular anteriormente, conhecem a dinâmica da escola e dos alunos, bem como da educação do município. Ambas têm perfil de liderança dentro da escola, uma boa relação com a comunidade e com os alunos. Os cargos de direção na escola vão mudando conforme a gestão da cidade. Assim, a cada quatro anos há uma revisão de cargos na instituição pesquisada.

Quadro 3: Perfil dos docentes da escola pesquisada - Ficha de funcionários da escola 2019

Nº	FORMAÇÃO	PÓS - GRADUAÇÃO	TEMPO NO MAGISTÉRIO (EJA)	IDADE
01	Matemática	Psicopedagogia	10 anos	53
02	História		3 anos	30
03	Geografia	Psicopedagogia	9 anos	45
04	Pedagogia	Psicopedagogia Institucional	6 anos	47

Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com dados referentes aos anos de 2017 a 2019, a Escola Municipal Augusto Martins apresentava características comuns: 75% dos professores que trabalhavam no turno noturno eram concursados, atuavam também no período matutino ou vespertino na mesma escola e tinham algum curso de especialização. Apenas um dos professores era contratado pela prefeitura para ministrar aula na EJA. Esse professor contratado também é formado em curso superior e tem qualificação e experiência com sala de aula. O grupo de 4 professores atuaram juntos na EJA desde o ano 2017 até 2019, visto que em 2020, por conta da pandemia, todas as escolas deixaram de funcionar. O perfil dos professores é de pessoas

experientes, todos moradores do município de São Félix de Balsas, idades aproximadas, e há apenas um professor mais novo entre eles.

Observando as características da escola, foram aplicados questionários entre diretora, secretária e professores, referentes ao trabalho com a EJA. A tabela abaixo mostra as respostas sobre a principal dificuldade em trabalhar com a EJA.

Quadro 4: Dificuldade no trabalho com a EJA

MOTIVOS ALEGADOS PARA A DIFICULDADE DE TRABALHAR COM A (EJA)	Nº DE PROFESSORES POR MOTIVO	%
Falta de material didático apropriado para a EJA	3	75%
Pouco tempo para passar o conteúdo aos alunos	2	50%
Medo de trabalhar com adolescentes e adultos	1	25%
Falta de atenção na qualificação dos professores	2	50%
Falta total de interesse dos alunos pelos estudos	4	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Pessoalmente, os professores falaram bem especificadamente sobre a situação e as dificuldades em se trabalhar com a EJA. Cada um apresentou mais de uma resposta, como se vê na tabela acima. O principal problema em trabalhar com a EJA, de acordo com os professores, diz respeito a “falta de interesse do aluno pelo aprendizado”, 100% deram essa tese como resposta. Em segundo lugar, com 75%, os professores reclamaram da falta de material didático que seja apropriado a EJA. Falaram que o material ainda é muito escasso e dificulta o trabalho devido a deficiência de conteúdos “certos”. Sobre o tempo que o professor tem para executar suas aulas, 50% responderam que duas horas e meia não são suficientes para quatro aulas diárias. Já a metade dos professores, 50%, disseram que precisam de uma qualificação ou treinamento para lidar com a EJA (que envolve pessoas de idades e vida social diferentes), até mesmo para adquirir mais conhecimento. Destaca-se que um professor ponderou sobre a dificuldade em continuar a trabalhar com a EJA e lidar com o “medo”, visto

que como se tratam de pessoas adultas, muitos não querem ou não aceitam ouvir os professores e diretores.

Ao passo que a diretora mencionou que conduzir a EJA se torna difícil devido à falta de interesse dos próprios alunos, uma vez que escola oferece vagas e um espaço propício para o aprendizado e todos os professores são profissionais qualificados. A escola oferece alimentação para aqueles que trabalham e não têm tempo de jantar em suas casas. E mesmo com todo o aparato, grande parte dos estudantes da EJA não se esforça para terminar o ensino fundamental.

Sob o ponto de vista da secretária, que é uma das funcionárias mais antigas da escola, foi professora anteriormente e conhece a dinâmica na EJA, desde sua criação, que contribui dizendo que os alunos não querem estudar, botam barreiras para ir à escola, e que muitos ali não fazem o mínimo para aprender, muitos não sabem sequer ler e escrever.

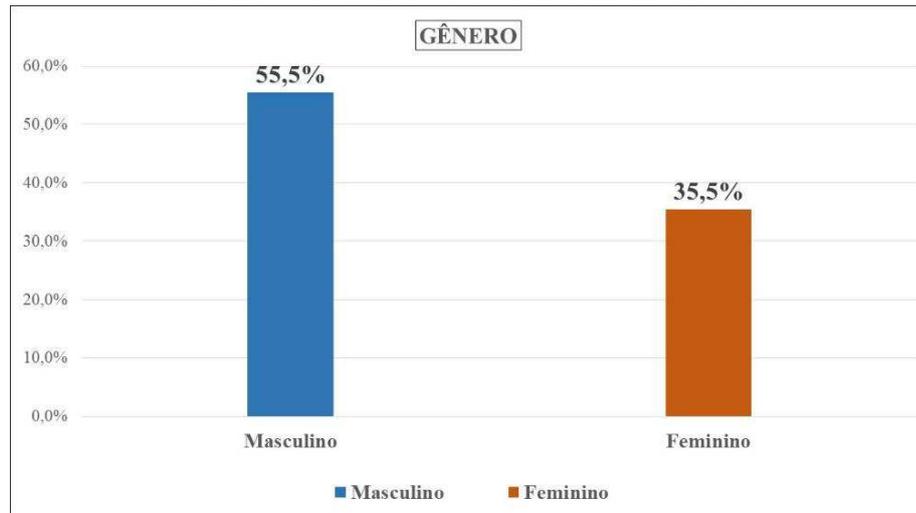
3.3 PERFIL DOS DISCENTES NA EJA DA ESCOLA MUNICIPAL AUGUSTO MARTINS

Para analisar e demonstrar os dados obtidos através da aplicação do questionário feito para os alunos da EJA, optou-se por apresentá-los em gráficos, a seguir representados.

Voltando às concepções iniciais, destaca-se que a EJA é uma modalidade de ensino pensada para aqueles alunos que não conseguiram terminar os estudos na idade apropriada. De forma que a partir dos 15 anos de idade, o aluno que estiver irregular nos estudos, pode ingressar no ensino de jovens e adultos para continuar e concluir o ensino básico. Esta modalidade é obrigatória e gratuita, oferecida em todos os municípios do país. Abaixo veremos o perfil dos alunos que fazem EJA em São Félix de Balsas.

Sobre o gênero e faixa etária dos alunos analisados, aqueles que foram matriculados de 2017 a 2019, os gráficos adiante foram analisados de acordo com os 8 alunos entrevistados.

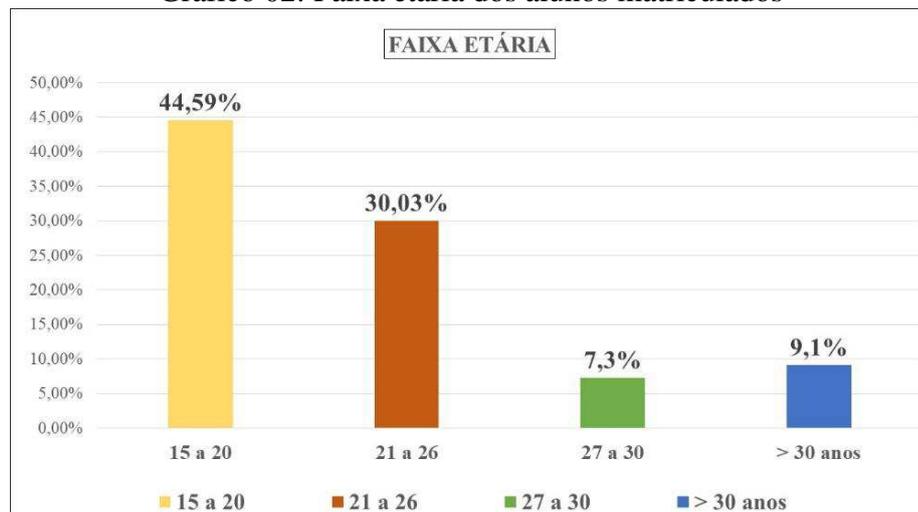
Gráfico 01: Gênero dos alunos matriculados



Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com o gráfico, dos 91 alunos matriculados entre os anos de 2017 a 2019, 55,5% são do sexo masculino e 35,5% são do sexo feminino. Dos 8 alunos entrevistados todos eram do sexo feminino. Isso demonstra que ao contrário dos outros trabalhos aqui analisados, na Escola Municipal Augusto Martins os alunos do sexo masculino, são maioria atuantes da EJA. Aprofundando mais na pesquisa foi possível entender que isso se dá devido ao número de mulheres ser consideravelmente maior entre os aprovados e conseqüentemente as mulheres não buscam como os homens o EJA pra conclusão dos estudos.

Gráfico 02: Faixa etária dos alunos matriculados

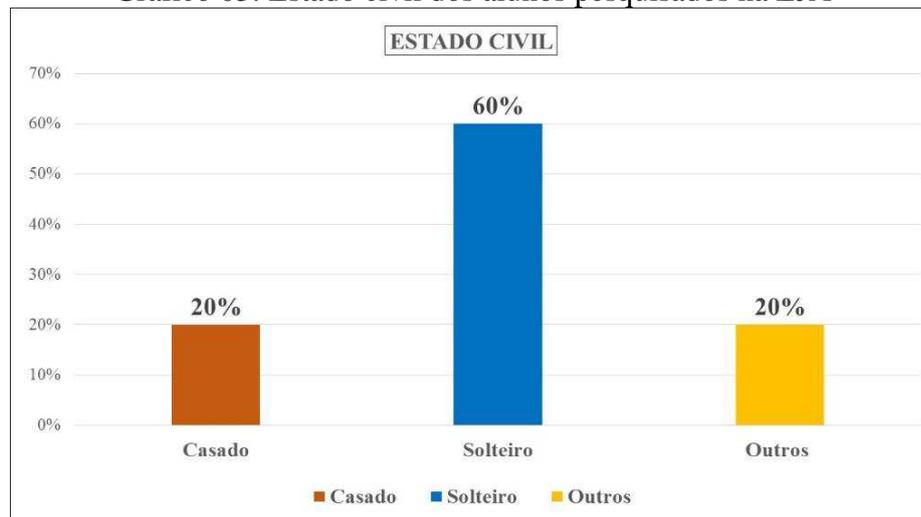


Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 2, verifica-se que o aluno de 15 a 20 anos representa 44,59%, 30,03% tem entre 21 a 26 anos, já que 7,3% tem de 27 a 30 anos e 9,1% acima de 30 anos de idade. Isso comprova o processo de juvenização na EJA e a distinção do perfil dos alunos na escola pesquisada com a atual realidade do Brasil. Os dados do Pnad e do IBGE mostram que a maior classe de pessoas analfabetas é a população de 60 anos ou mais, com 18,6%, e a população de 40 anos ou mais, que são 11,5% de analfabetos.

O resultado evidencia que a maioria dos alunos ingressou na EJA o fez devido a “facilidade” (tempo reduzido de estudo na conclusão do ensino), que a modalidade de ensino proporciona, já a metade dos estudantes são adolescentes, que poderiam fazer o ensino fundamental regular.

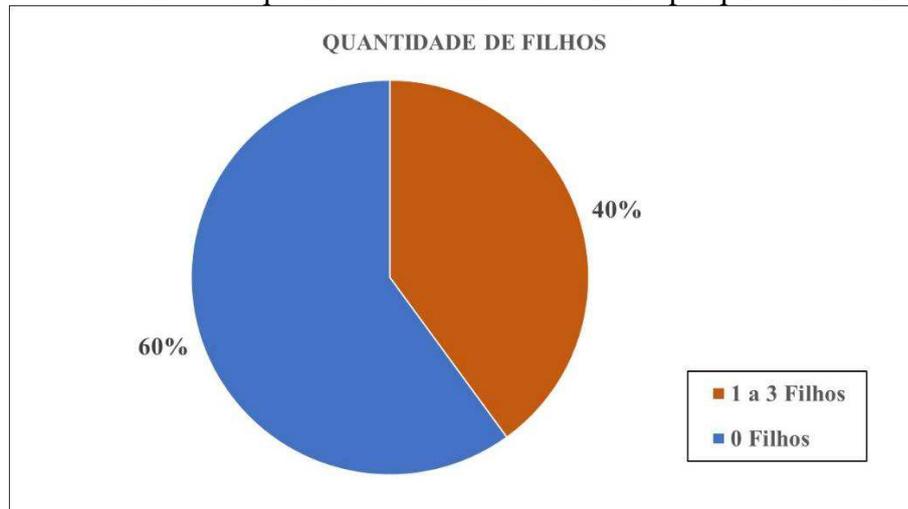
Gráfico 03: Estado civil dos alunos pesquisados na EJA



Fonte: Dados da pesquisa

Pelos resultados do gráfico 03, vimos que 20% dos alunos pesquisados são casados, 60% são solteiros e 20% tem algum tipo de relacionamento não formalizado ou não quiseram responder. Observamos que a maioria destes alunos está tentando concluir seus estudos, mas, de acordo com os casados, nem sempre é fácil conciliar casamento e estudo. Os solteiros e com outros relacionamentos disseram que não pretendem casar antes de terminarem o ensino completo.

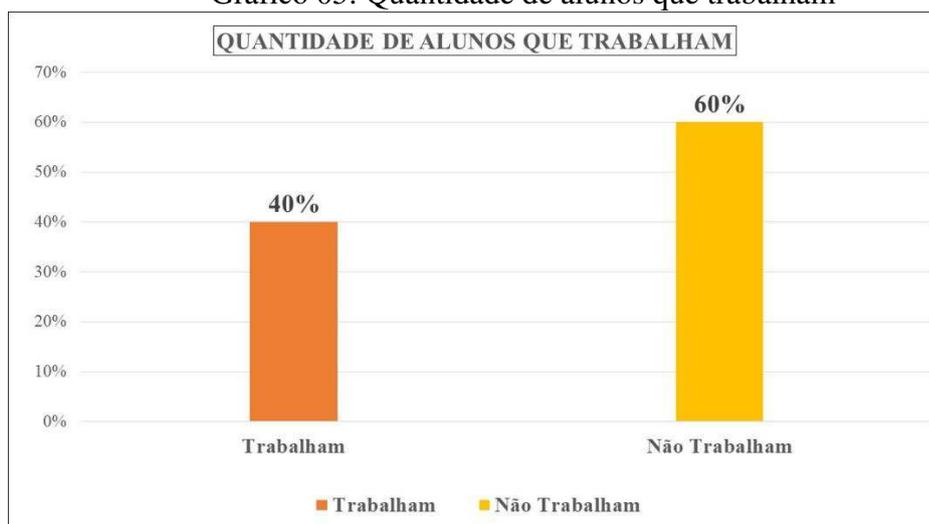
Gráfico 04: quantidade de filhos dos alunos pesquisados na EJA



Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 04, verificamos que 80% dos alunos não tem filhos e apenas 20% tem entre 1 a 3 filhos. Esse fato deveria contribuir para haver um maior desempenho dos alunos pelos estudos, o que não acontece. Quanto aos que têm filhos, disseram que às vezes não é fácil estudar quando se tem filhos pequenos, que não tem quem cuide das crianças quando precisam para trabalhar e estudar, mas que se esforçam em busca de um futuro melhor para a família.

Gráfico 05: Quantidade de alunos que trabalham

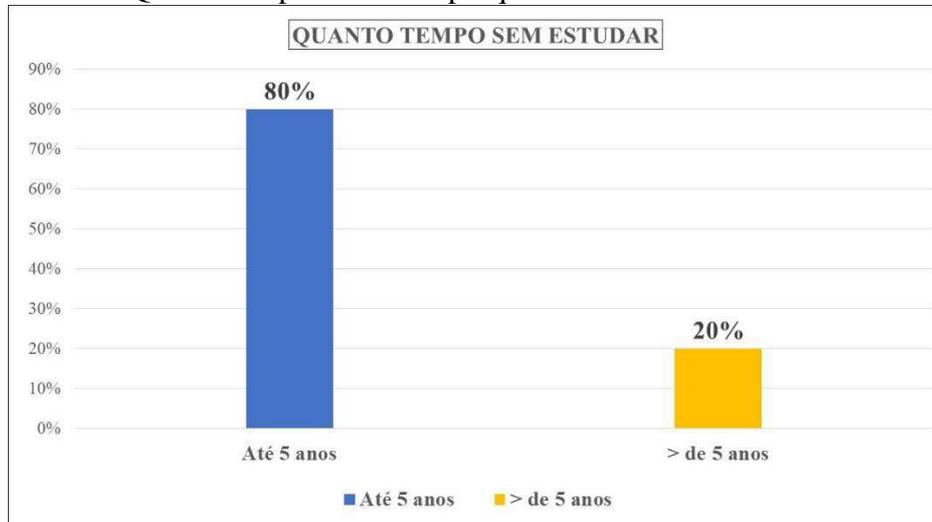


Fonte: Dados da pesquisa

Observando o gráfico 05, podemos perceber que mais da metade dos alunos entrevistados que fazem EJA não trabalham. Quanto aos que trabalham, 40% responderam

que exercem o cargo de auxiliares de limpeza no hospital da cidade e no sindicato dos trabalhadores rurais.

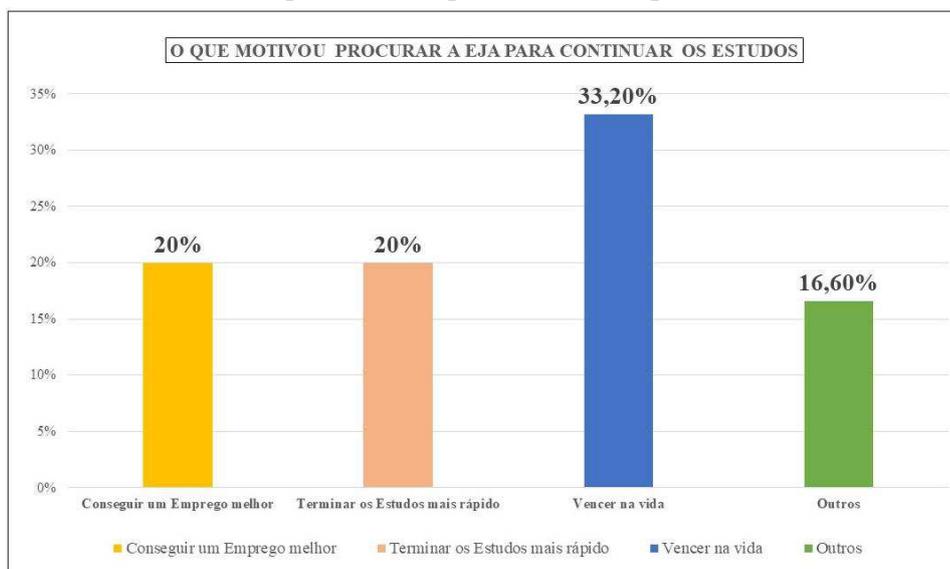
Gráfico 06: Quanto tempo os alunos pesquisados na EJA estavam sem estudar



Fonte: Dados da pesquisa

Ao analisar o gráfico 06, verificamos que 80% dos alunos ficaram até 5 anos sem estudar. Nesse mesmo grupo, alguns alunos não chegaram a ficar nem 1 ano sem estudar. A maioria passou a fazer EJA pelo fato de ter reprovação em anos anteriores. Os que passaram mais de 5 anos fora da escola representam 20% dos alunos entrevistados. Os mesmos falaram que pelo fato de formarem família a escola ficou em segundo plano.

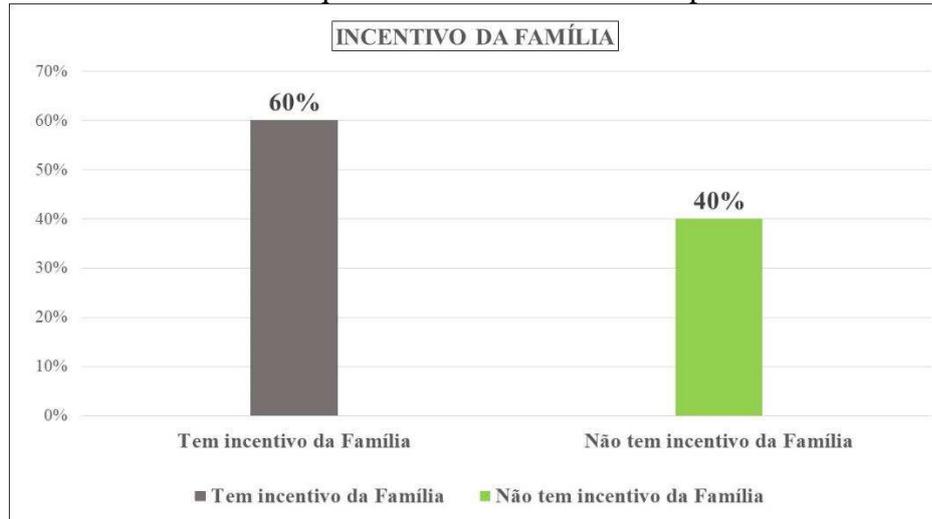
Gráfico 07: O que motivou procurar a EJA para continuar os estudos



Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 07, podemos perceber que são vários os motivos que levaram esses alunos a buscarem a EJA. Dentre os motivos, 20% responderam que procuram a EJA em busca de oportunidades de adquirir um emprego melhor, 20% disseram que pretendem terminar os estudos mais rápido, 33,20% falaram que sonham com um futuro promissor, o que só é possível através dos estudos e 16,60% não souberam responder.

Gráfico 08: alunos que têm incentivo da família para estudarem



Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com o gráfico 8,6% dos alunos tem incentivo da família para estudar. Esses alunos disseram que tem ajuda dos pais e que os mesmos sempre incentivam aos filhos estudarem. Que se preocupam, vão às reuniões escolares e sempre estão na escola acompanhando o desenvolvimento dos filhos. Os que têm incentivo são em maioria adolescentes e que ainda moram com os pais. Quanto aos que não têm incentivo da família, são aqueles alunos mais velhos, que trabalham e não moram mais com os pais. Eles responderam dizendo que vão à escola por vontade própria.

Gráfico 09: A opinião dos alunos sobre os professores da EJA, na escola pesquisada



Fonte: Dados da pesquisa

Em relação ao gráfico 09, observamos que 50% dos alunos gostam dos seus professores. Responderam que os docentes são pessoas dedicadas ao trabalho. E 25% disseram gostar das aulas e também do professor, e ainda, 25% responderam que não entendem o assunto trabalhado na sala de aula com muita clareza. Nesse tópico todos os alunos que responderam o questionário falaram que gostam dos professores porque são pessoas conhecidas da cidade e que além da relação de aluno e professor na escola, há uma amizade fora do ambiente escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação no Brasil sempre foi defasada, composta por “muros” que impedem sua evolução e desenvolvimento. Com a Educação de Jovens e Adultos não é diferente. A alfabetização não é só um meio para se ter a prática de ler e escrever, mas também como fonte de conhecimento para o crescimento intelectual na formação da criticidade e ética. O objetivo desta pesquisa foi conhecer o perfil dos alunos e professores da Escola Municipal Augusto Martins, no intuito de identificar os maiores desafios no desenvolvimento das atividades dessa modalidade de ensino na referida instituição.

No atinente à pesquisa sobre a EJA, nota-se que esta oportuniza uma reflexão sobre a qualidade do ensino oferecido, seus desafios e dificuldades ao longo do percurso na realidade das escolas públicas brasileiras, em que os métodos utilizados exigem, por parte do docente, ações reflexivas no contexto da modalidade de ensino que exige do educador pensar e repensar sobre a prática pedagógica, necessitando, ainda, atualização constante para atendimento da clientela e suas especificidades. Assim sendo, torna-se necessário que o professor se torne um pesquisador contínuo, que trabalhe com atividades significativas para os educandos, e desperte o interesse em aprender.

Quanto aos objetivos propostos, o presente estudo propôs-se em analisar a Educação para Jovens e Adultos em São Félix de Balsas - MA, destacando, principalmente, o perfil de alunos e professores da Escola Municipal Augusto Martins, no sentido de compreender as complexidades que permeiam essa modalidade de ensino. Nesse caso, os objetivos da pesquisa foram alcançados mediante exposição do tema, evidenciado com reflexões e diálogos com autores que escreveram sobre a educação na modalidade de ensino quanto as dificuldades e desafios que alunos da EJA enfrentam para concluírem o curso básico.

De modo que verificamos também o perfil do aluno EJA, que são em maioria jovens, solteiros, sem filhos e que não trabalham, e que procuraram a EJA para terminar mais rápido o ensino fundamental, o que por motivos externos não conseguiram concluir no ensino fundamental regular.

Sobre os professores, observou-se os esforços em prestar seu trabalho, mesmo diante das dificuldades e da falta de interesse do poder público e dos próprios alunos.

Todavia, esta pesquisa acadêmica se mostrou necessária, visto que traz como foco a educação de jovens e adultos, expondo problemas não somente ligados a esta modalidade de educação, mas, especialmente, se tratando de um problema de toda a educação. De modo que

os desafios e empecilhos surgem a partir da educação regular, e que, em algum momento, chegou a ser a ser negada a esses indivíduos adultos, em algum momento da vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana de; CORSO, Angela Maria. A educação de Jovens e Adultos: aspectos históricos e sociais. *Anais. XII Congresso Nacional de Educação*, 2015.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. Juventude, produção cultural e Educação de Jovens e Adultos. In: SOARES, Leôncio José Gomes (Org.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ARROYO, Miguel G. *Educação de Jovens e adultos: um campo de direitos de responsabilidade pública*. In: SOARES, L; GIOVANETTI, MA.G.C; Gomes, N.L. (org). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*.
- BASTIANE, Décia Maria. *Perfil e desafios dos alunos da Educação de Jovens e Adultos do município de Santa Helena – PR / Décia Mária Bastiane*. - 2011.
- BARBOSA, Marialva. *História da comunicação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BARRETO, Sabrina das Neves. *O processo de alfabetização na MOVA RS: narrativas e significados na vida das mulheres*. Dissertação – Fundação Universidade de Rio Grande, Rio Grande, 2005.
- BRASIL. *Decreto nº 19.402, de 14 de novembro de 1930*. Cria uma Secretaria de Estado com a denominação de Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/d19402.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2020.
- BRASIL. Constituição (1934). *Constituição Federativa dos Estados Unidos do Brasil*. <http://www.planalto.gov.br>. Acessado em outubro/2020.
- CORTE, Luciane Cristina. *A mudança do perfil do público da EJA: desafios e perspectiva / Luciane Cristina Corte*. 2016.
- DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. *Cadernos*, ano XXI, nº 55. novembro de 2001. Disponível em: www.scielo.br. Acessado em 10 de outubro de 2020.
- FARIA, Roselita Soares de. *Evasão e permanência na EJA: por um trabalho de qualidade na gestão de uma escola da rede municipal de Belo Horizonte / Roselita Soares de Faria*. – Juiz de Fora 2013.
- FREIRE, Ana Maria de Araújo. Paulo Freire: uma história de vida. – 2ª ed. Ver. Atualizada. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GALVES, Marcelo Cheche. *“Ao público sincero e imparcial”*: Imprensa e Independência no Maranhão (1821-1826). São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.
- GOMES FILHO, Teodoro Antunes. *Saberes docente em EJA: um estudo na rede municipal de Sapucaia do Sul (RS) / Teodoro Antunes Gomes Filho*.- 2012.

HINGEL, Murilo de Havelar. *Discurso de abertura. In.: MEC-INEP-SEF/UNESCO, Encontro Latino-Americano sobre Educação de Jovens e adultos Trabalhadores, (ANAIS), Brasília 1994^a.*

HOONAERT, Eduardo. Primeiro período: a evangelização do Brasil durante a primeira época colonial. In: HOONAERT, E. [et al.] (org.). **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: primeira época, Período colonial.** 5º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JEFREY, Debora Cristina. LEITE, Sandra Fernanda. DOMBOSCO, Cristiane Tereza. *Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil (anos 2000): O processo de Juvenização.*

MOEHLECK, Sabrina. *As políticas de diversidade na educação no governo Lula.* Cad. Pesqui. [online]. 2009, vol.39, n. 137, pp. 461-478. INSS 0100-1574.

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. – 3. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019.

MACHADO, Maria Margarida. *A Trajetória da EJA na década de 90- Políticas Públicas sendo substituída por solidariedade.*

MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *A Família Real no Brasil: política e cotidiano (1808-1821) / Juliana Gesuelli Meirelles — São Bernardo do Campo: EDUFABC, 2015.*

MELO, Mônica Bandeira de. *Reflexões sobre o perfil do aluno EJA da E.E.E.F. Álvaro de Carvalho* [manuscrito] / Mônica Bandeira de Melo. – 2014.

PAIVA, Vanilda. *História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos.* 6. Ed. São Paulo: Edições Loyola. 2003.

QUEIROZ, Francisco Vagner Ferreira. *A evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos. Alexânia – GO,* Dezembro de 2015. 46 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

SAMPAIO, Marisa Narcizo; ALMEIDA, Rosilene Souza. *Práticas de Educação de Jovens e Adultos: complexidades, desafios e propostas.* Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SAUNER, Nelita Ferraz de Mello. *Alfabetização de Adultos,* Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Antônio Renan. A criação do Ministério da educação e saúde pública no Brasil. 2017, p. 293. *Revista Eletrônica Trilhas Pedagógicas.* Disponível em: www.fatece.edu.br/arquivos/arquivos%20revistas/trilhas/volume7/19.

SOARES, Leôncio José Gomes. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. *Revista Presença Pedagógica,* v. 2, nº 11, Dimensão, set/out 1996.

STRELHOW, Thyeles Bocarte. *Breve histórico sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil,* 2010. Disponível em: www.histedbr.fe.unicamp.br. Acessado em 10 de outubro de 2020.

TEIXEIRA, Anísio. Bases preliminares para o plano de educação referente ao Fundo Nacional de Ensino Primário. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.38, n.88, out./dez. 1962. p. 97-107.

UNESCO. *Relatório de Monitoramento Global de EPT*. Paris: 2014. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/>. acessado em 10 de outubro de 2020.

WILCKEN, Patrick. *Império à deriva: a corte portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A - PERGUNTAS FEITAS AOS GESTORES E PROFESSORES DA EJA NA ESCOLA MUNICIPAL AUGUSTO MARTINS

1º) Qual sua função?

2º) Qual sua formação?

3º) tem Pós-Graduação? Qual?

4º) Tempo de magistério no EJA?

5º) Qual sua idade?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS PARA OS ALUNOS DA EJA

1º Qual o seu sexo?

Masculino Feminino

2º Qual dessas faixa etária você se encontra?

15 a 20 anos 21 a 26 27 a 30 > 30

3º Qual seu estado civil?

casado solteiro outros

4º Quantidade de filhos?

1 a 3 filhos 0 filhos

5º você trabalha?

sim não

6º Quanto tempo você ficou sem estudar

até 5 anos > de 5 anos

7º O que motivou a procurar a EJA para estudar?

conseguir um emprego melhor terminar os estudos mais rápido

vencer na vida outros

8º você tem incentivo da família para estudar?

sim não

9º O que você acha dos professores da EJA em sua escola?